

tempoe presença

publicação mensal do CEDI
número 173
janeiro/fevereiro de 1982

QUILOMBOLAS

K. Thompson — CMI



EDITORIAL

“Desce novamente às redes da vida do teu Povo Negro, Negra Aparecida”

Verdade ou não o fato é que Maria sempre foi largamente devocionada pelos homens e mulheres “de cor”. Santa blasfêmia! Por que “de cor”? Talvez porque a força do colorido seja mais evidente nos seus rostos e corpos, talvez porque nossa fragilidade branca seja mais evidente com o corar vergonhoso das nossas faces.

O fato é que as pessoas “de cor” começaram a descobrir que juntas são uma força e que têm uma enorme tradição de cultura, de música e de dança que os degredados “sem cor”, descendentes dos prisioneiros e prostitutas portuguesas se apropriaram deixando-lhes a vergonha da raça e profissões como domésticas, motoristas, porteiros etc...

A Igreja penitencia-se depois de tantos anos! “Houvesse a Igreja da época marcado presença mais na senzala do que na casa-grande, mais nos quilombos do que nas cortes, outros teriam sido os rumos da História do Brasil desde os seus primórdios...” E penitencia-se em público numa Missa dos Quilombos onde antes declarava o seu celebrante principal D. José Maria Pires, arcebispo da Paraíba: “Não sou mais D. Pelé, sou agora D. Zumbi”.

Este número de Tempo e Presença quer testemunhar este acontecimento histórico e relevante para a Igreja e as culturas afros. A recuperação da identidade cultural começa a ser um germe forte após três séculos de Zumbi e dos quilombos. Esta luta se junta a tantas outras de nossa sociedade brasileira. Junta-se à dos trabalhadores urbanos e rurais, à das mulheres, à das minorias sexuais, à dos estudantes e de todos os que procuram transformar a face do nosso país numa face digna e sem temores.



John Taylor — CMI

Acrescente-se a esta Missa a reflexão teológica de um pastor negro dos EUA: pensem um pouco na dimensão da teologia negra que este homem de Deus nos propõe.

E ainda, o depoimento de Abigail e de Sant'Ana sobre a discriminação racial. Ah!... para avançar, aos mais cítricos acrescentamos a análise crítica de Hoornaert sobre a Missa dos Quilombos e concordamos com a sua afirmação de que este acontecimento se situa no nível de uma luta cultural e que muitos agentes de pastoral influenciados por uma tradição ocidental que remonta ao Iluminismo do século XVIII mal percebem a relevância da luta cultural. Em suas palavras, “esquecem que cada símbolo, cada discurso, cada expressão cultural é uma arma a favor ou contra o povo”.

E finalmente, encerramos com o profético Hélder no seu belo improviso após a ladainha de Mariama:

*“Nem precisa ir tão longe como no teu hino.
Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e os pobres de mãos cheias.
Nem pobre nem rico.
Nada de escravo de hoje ser senhor de escravos amanhã.”*

Um mundo de irmãos e de fraternidade propõe o profeta. E foi este mundo que os homens e mulheres “de cor” ensinaram para nós os “sem cor” durante os cem anos dos quilombos. É esta proposta alternativa de uma sociedade de irmãos que queremos celebrar e que celebraram nossos bispos e nossas Comunidades Eclesiais de Base no Recife.

Celebremos pois, ecumenicamente, os QUILOMBOLAS da VIDA e da FRATERNIDADE HUMANA.

tempo presença

publicação mensal do CEDI
número 173
janeiro/fevereiro de 1982

Tempo e Presença Editora Ltda.

Diretor
Domício Pereira de Matos

Conselho Editorial
Paulo Ayres de Matos
Leticia Cotrim
Heloisa Martins
Aluisio Mercadante
Zwinglio Mota Dias
Neide Esterici
Jether Ramalho
Carlos Rodrigues Brandão
Paulo Cezar Loureiro Botas
Carlos Cunha
Rubem T. de Almeida

Fotolitos e Impressão
Clip — Rua do Senado, 200
Tel. 252-4610

Composição
Gráfica Editora Prensa Ltda.
Rua Comandante Vergueiro
da Cruz, 26
Olaria — Tel. 280-8507

Assinatura anual: Cr\$ 600,00
Remessa em cheques pagáveis no
Rio para Tempo e Presença
Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 Rio de Janeiro, RJ

Publicação mensal
Registro de acordo com a
Lei de Imprensa

CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 fundos
Telefone 2055197
22241 Rio de Janeiro, RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 667273
01238 São Paulo, SP

Coordenador de Publicações
Paulo Cezar Loureiro Botas

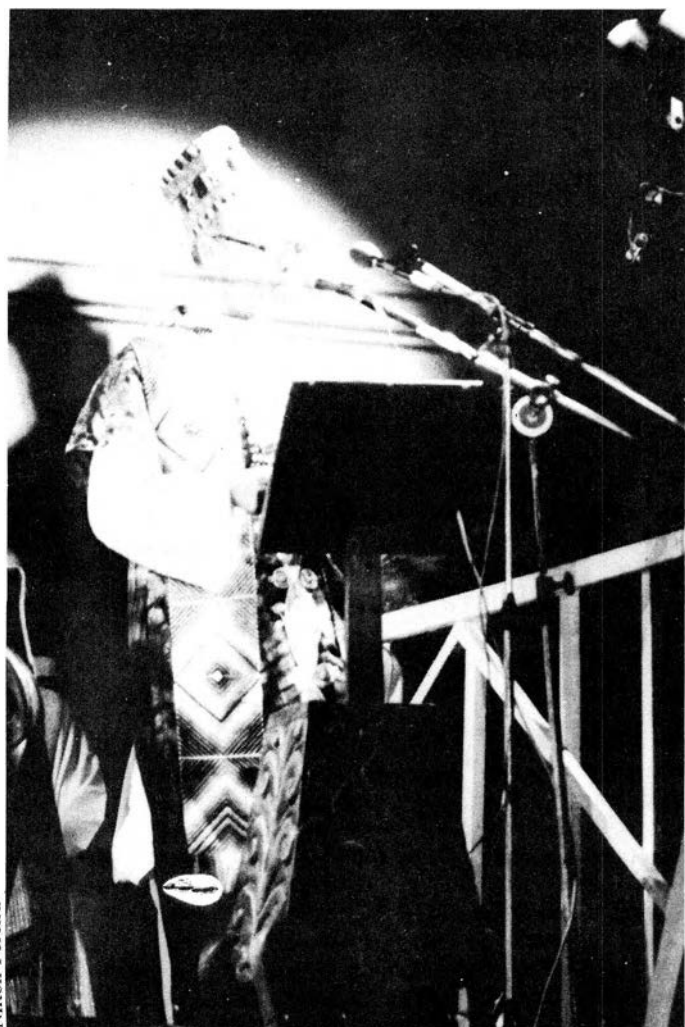
Redatores
Carlos Cunha
Rubem T. de Almeida
Luis Roncari
Elter Dias Maciel
Zwinglio Mota Dias

Equipe de Arte
Anita Slade
Martha Braga

Produtor Gráfico
Álvaro A. Ramos

Assinaturas e Expedição
Eduardo Spiller Penna

Homilia para a MISSA DOS QUILOMBOS



Dom José Maria Pires
Arcebispo da Paraíba

Pretos, meus irmãos:

Estamos recolhendo, hoje e aqui, os frutos do sangue de Zumbi, símbolo da resistência de nossos antepassados. Eles foram trazidos à força da África para estas terras, arrancados de sua Pátria, separados de seu povo e de sua família, misturados com pretos de outras línguas e de outros costumes. Violentaram-lhes a consciência, impuseram-lhes uma religião que não escolheram. Até o nome lhes roubaram e os chamaram por nomes destituídos de significado para eles.

Estamos presenciando hoje e aqui os sinais de uma nova aurora que vem despertar a Igreja de Jesus Cristo. No passado, ela não se mostrou suficientemente solidária com a causa dos escravos. Não condenou a escravidão do negro, não denunciou as torturas de escravos, não amaldiçoou o pelourinho, não abençoou os quilombos, não excomungou os exércitos que se organizaram para combatê-los e destruí-los. A Igreja não estava com os negros e hoje parece que começa a estar. Começa a nos querer bem. A respeitar nossa cultura e a não tratá-la mais como grosseira superstição. A Igreja começa a ficar de nosso lado, a nos ajudar a ressuscitar nossa memória histórica, a incentivar nossa organização.

Pretos, meus irmãos! Como nossos antepassados, viemos de vários lugares. Diferentes deles e menos puros do que eles, trazemos na pele colorações variadas. Na alma, crenças diferentes. Mas neles e em nós estão presentes e são indelévels as marcas de negritude. Somos negros e não nos envergonhamos, não queremos mais nos envergonhar de sê-lo.

Branços, nossos amigos! Conheço vos reunis. Descendentes embora dos que humilharam e torturaram nossa raça, viestes hoje nos aplaudir. Não sendo negros, vos mostrais solidários com nossa causa e não quereis ver prolongadas em nós as consequências nefastas da escravidão que oprimiu nossos avós.

Neste encontro histórico, faltam muitos irmãos negros que, levando ainda vida de escravos, não puderam com-



Dança final da Missa dos Quilombos.



partilhar dessa celebração da liberdade. E faltam descendentes daqueles que reduziram nossa gente ao cativeiro. Eles não acreditam que os negros, enquanto tais, são os mais marginalizados no Brasil. Vêem nosso encontro como uma espécie de provocação ou uma demonstração de racismo que, segundo eles, não existe nem deve ser despertado entre nós, como um gesto de conteúdo mais ideológico e político do que evangélico e religioso. Somos gratos aos que, sem serem negros, se mostram partidários de nossa causa; lamentamos que alguns não vejam em nossa movimentação um sinal de que “a Boa-Nova está sendo anunciada aos pobres” (Lc 4.18), mas asseguramos que não iremos retroceder em nossa caminhada pelo fato de alguns nos interpretarem mal.

I

Mais longa do que a servidão do Egito, mais dura do que o cativeiro da Babilônia foi a escravidão do negro no Brasil.

Podemos entender — aceitar não — a escravidão como consequência de uma guerra ou em pagamento de uma dívida. Só mesmo um total desrespeito à pessoa humana associado à torpe ambição do lucro pode levar homens a transformar outros homens em propriedade sua a fim de explorá-los, igualando-os a animais de carga. No Egito como na Babilônia, os hebreus foram submetidos a dura servidão. Puderam, entretanto, conservar sua consciência de povo e a dignidade de pessoa. O africano, ao invés, foi desenraizado de seu meio e separado propositalmente de sua gente e de sua família. Foi reduzido à condição de um objeto que se pode vender, se pode dar, trocar ou destruir. Do escravo se exigia o máximo de produção com o mínimo de despesa. Não havia preocupação com sua saúde ou alimentação. A média de vida dos cativos era baixíssima. Castigos os mais humilhantes e severos eram infligidos por qualquer ato de desobediência ou gesto de rebeldia. Submissão absoluta, aniquilamento de si, renúncia total à própria vontade tornaram-se para os escravos condição de sobrevivência. Leis houve e não poucas, destinadas a coibir os excessos nos maus tratos aos cativos. Ficaram, porém, letra morta pois era o próprio

sistema que legitimava a escravidão. A Igreja, por sua vez, a aceitou sem maior relutância e procurou justificá-la com a teoria do mal que vem para bem: se os negros perdiam a liberdade do corpo, em compensação, ganhavam a da alma e se incorporavam à civilização cristã abandonando o paganismo. Bela Teologia!

Hoje não falta quem condene a Teologia da Libertação — também chamada do Cativeiro — que justifica e incentiva, à luz da Palavra de Deus, os esforços dos oprimidos para se livrarem da marginalização a que foram reduzidos. Essa empreitada a que metem ombros tantos dos nossos melhores teólogos é certamente simpática, humana e conforme com a mente de Deus, características que não podem ser invocadas em favor da pretensão de legitimar com a Bíblia qualquer tipo de escravidão. Houvesse a Igreja da época marcado presença mais na senzala do que na casa-grande, mais nos quilombos do que nas cortes, outros teriam sido os rumos da História do Brasil desde os seus primórdios, outra teria sido a contribuição do negro ao nosso desenvolvimento porque, mesmo desenraizado de seu povo e de sua terra, mesmo reduzido ao cativeiro e sujeito a jornadas de até 18 horas de trabalho, conservou em si forças de aglutinação e de preservação de seus valores originais. Estas forças foram principalmente a religião e a combatividade.

Obrigado a abandonar suas divindades e a trocar de nome no “Batismo”, o negro soube fazer a síntese do antigo com o novo: aceitou a religião de seus opressores transformando-a por vezes em símbolo de crença de seus antepassados. As imagens de santos tornaram-se as materializações de seus orixás. Nossa Senhora da Conceição é Iemanjá, São Jorge é Ogum, Santa Bárbara, Iansã... Por mais alienadas e alienantes que pudessem parecer essas formas populares de devoção, foram elas que proporcionaram a muitos escravos africanos o meio de comunicação que lhes permitiu conservar valores que, de outro modo, teriam sido tragados na voragem do cruel cativeiro. Nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário para os Homens Pretos, no candomblé ou no xangô, a religião ofereceu aos escravos um espaço de liberdade onde, pelo menos enquanto durava o ato religioso, eles podiam sentir-se eles mesmos e recuperar a dimensão de pessoa humana.



Nilton Pereira



Nilton Pereira

A combatividade de nossos antepassados pareceu ter-se apagado no coração da maioria. O escravo mostrava-se conformado e submisso. Chegou a colaborar com seu opressor. A afeição por ele. Essas atitudes, porém, podiam ser interpretadas como um expediente da natureza humana em busca da sobrevivência. No fundo, mesmo adormecido, permanecia vivo o sentimento de altivez que se rebelava contra a escravidão e buscava formas de expressar a revolta. Não foram poucos os casos em que escravos mataram feitores ou eliminaram senhores cruéis. A rebelião teve também sua manifestação coletiva, mais organizada e, por isso mesmo, mais eficaz. Foram os quilombos. A estas verdadeiras comunidades de escravos fugidos se uniam freqüentemente índios que viviam situação parecida e até alguns brancos, vítimas, eles também, da exploração.

Pela sua extensão territorial, pela sua organização social e política e pela sua longa duração, o Quilombo dos Palmares foi o mais importante de quantos existiram entre nós. Os quilombos jamais constituíram um perigo para as cidades, as povoações, os engenhos ou fazendas. Os negros fugidos procuravam terras até então inabitadas e desconhecidas, aí se instalavam, organizavam a produção de modo a se tornarem o mais possível auto-suficientes e acolhiam outros negros que buscavam refúgio e liberdade no quilombo. Não se tem notícia de ataques feitos por quilombos contra as povoações. Não há vestígio de organização militar entre eles a não ser em Palmares quando tiveram necessidade de se defenderem. No entanto os quilombos foram severamente perseguidos. Temia-se que essa organização rudimentar de negros se tornasse cada vez mais poderosa e infligisse um golpe de morte na escravidão, o que viria prejudicar os interesses econômicos da classe dominante. E, como sempre, a polícia foi acionada contra humildes escravos. As forças militares receberam a incumbência de destruir os quilombos, apoderar-se das lavouas feitas pelos quilombos, prendê-los e reconduzi-los ao cativeiro ou exterminá-los. Muito sangue correu, muita esperança se afogou.

Tudo em vão ou terá havido algum proveito?

II

Chegou o tempo de tanto sangue ser semente, de tanta semente germinar.

Está sendo longa a espera, meus irmãos. Da morte de Zumbi até nós são decorridos já quase três séculos. Mas a terra conservou o sangue de nossos mártires. Este sangue fala, clama e seu clamor começa a ser ouvido. Primeiro por nós negros que estamos recuperando nossa identidade e começando a nos orgulhar do que somos e do que foram nossos antepassados. A sociedade também escuta esse clamor. Muitos do seio dela nos apóiam e se colocam ao nosso lado para caminharmos juntos. A viagem é longa e penosa. Quase tudo está por fazer. O negro como negro continua marginalizado. Não existe em grau de embaixador, em posto de general, em função de Ministro de Estado. Na própria Igreja, são tão poucas as exceções que não abalam a tranquilidade do preconceito racial.

Tomar consciência do problema de negros que gostariam de ser ou ao menos de parecer brancos e de brancos que negam que haja racismo no Brasil já é um passo importante nessa caminhada. Na Eucaristia que estamos celebrando, negros e brancos se encontram não como escravos e senhores mas feitos irmãos no mesmo Cristo que a todos resgatou da escravidão do pecado. Aqui, descendentes dos que humilharam nossos pais se humilham e pedem perdão enquanto nós, acolhendo-os no abraço da paz, renunciamos a todo tipo de revanchismo e protestamos não admitir que ódio e violência se instalem em nossos corações. Se, no início, ouvimos as lamentações do Profeta Jeremias, ouvimos depois, no Evangelho, as palavras de conforto e as promessas da esperança. Que tudo isso que estamos celebrando impregne nossas vidas e invada as relações sociais para que de verdade se realize hoje o que, nos tempos do Apóstolo Paulo, já começava a ser a maneira de viver dos discípulos de Cristo: "Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.20).

Em Recife, 22 de novembro de 1981

I. ABERTURA ESTAMOS CHEGANDO...

(coro, cantado)

A de ó (chegamos, estamos aqui)

Estamos chegando ao fundo da terra,
estamos chegando do ventre da noite,
da carne do açoite nós somos,
viemos lembrar.

Estamos chegando da morte nos mares,
estamos chegando dos turvos porões,
herdeiros do banzo nós somos,
viemos chorar.

Estamos chegando dos pretos rosários
estamos chegando dos nossos terreiros
dos santos malditos nós somos,
viemos rezar.

Estamos chegando do chão da oficina,
estamos chegando do som e das formas,
da arte negada que somos
viemos criar.

Estamos chegando do fundo do medo,
estamos chegando das surdas correntes,
um longo lamento nós somos,
viemos louvar.

A de ó (recitado)

Do Exílio da vida,
das Minas da Noite,
da carne vendida,
da Lei do açoite,
do Banzo dos mares...

aos novos Albores!
vamos a Palmares,
todos os tambores!!!

Estamos chegando dos ricos fogões,
estamos chegando dos pobres bordéis,
da carne vendida nós somos,
viemos amar.

Estamos chegando das velhas senzalas,
estamos chegando das novas favelas,
das margens do mundo nós somos,
viemos dançar.

Estamos chegando dos trens dos
subúrbios,
estamos chegando nos loucos pingentes,
com a vida entre os dentes chegamos,
viemos cantar.

Estamos chegando dos grandes estádios,
estamos chegando da escola de samba,
sambando a revolta chegamos,
viemos gingar.

D. Pedro Casaldáliga
Pedro Tierra
Milton Nascimento



A de ó (recitado)

Estamos chegando do ventre das Minas,
estamos chegando dos tristes mocambos,
dos gritos calados nós somos,
viemos cobrar.

Estamos chegando do chão dos
Quilombos,
estamos sangrando a cruz do Batismo,
marcados a ferro nós fomos,
viemos gritar.

Estamos chegando do alto dos morros,
estamos chegando da lei da Baixada,
das covas sem nome chegamos,
viemos clamar.

Estamos chegando do chão dos
Palmares,
estamos chegando do som dos tambores,
dos Novos Palmares nós somos,
viemos lutar.

A de ó (recitado)



II. EM NOME DO DEUS...

(coro, cantado)

Em nome do Deus de todos os nomes
Javé
Obatalá
Olorum
Oió.

Em nome do Deus, que a todos os
Homens
nos faz da ternura e do pó.

Em nome do Pai, que faz toda carne,
a preta e a branca,
vermelhas no sangue.

Em nome do Filho, Jesus nosso irmão,
que nasceu moreno
da raça de Abraão.

Em nome do Espírito Santo,
bandeira do canto
do negro folião.

Em nome do Deus verdadeiro,
que amou-nos primeiro
sem divisão.

Em nome dos Três
que são um Deus só,
Aquele que era,
que é,
que será.

Em nome do Povo que espera,
na graça da Fé,
à voz do Xangô,
o Quilombo-Páscoa que o libertará.

Em nome do Povo sempre deportado
pelas brancas velas
no exílio dos mares;
marginalizado
nos cais, nas favelas
e até nos altares.

Em nome do Povo
que fez seu Palmares,
que ainda fará
Palmares de novo
Palmares, Palmares, Palmares
do Povo!!!

Pai-Nosso... (Missa dos
Quilombos, Recife).

III. RITO PENITENCIAL

(*recitado*)

(*coro, cantado*)

Kyrie eleison!
Christe eleison!
Kyrie eleison!

Alma não é branca,
luto não é negro,
negro não é folk.

Kyrie eleison!

Senhor do Bonfim
do bom começar:
não seja a alegria
apenas de um dia;
não seja a folia
para desfilar
na avenida sua.
Que seja, por fim,
a tua Alforria
e nossa a rua,
Senhor do Bonfim!

Kyrie eleison!
Christe eleison!
Kyrie eleison!

(*recitado*)

Da raça maldita
gratuitamente,
a raça de Cam.

Secular estigma
da escrava Agar,
Mãe espoliada,
Ismael dos Povos,
denegrída África.

(*coro negro, cantado*)

Terras de Luanda,
Costa do Marfim,
Reino de Guiné,
Pátria de Aruanda
Awa de!
(Estamos
aqui)

Carne em toneladas,
fardos de porão.
Quota da Coroa
fichas de Batismo,
marcados a ferro
para a Salvação.
Entregues à Morte,
sendo Cristo a vida.
Humanos leilões,
peças de cobiça,
trezentos milhões
de africanos mortos
na Segregação.
Caça das Bandeiras,
do Esquadrão da Morte.
Exus do destino,
capitães-do-mato.
Quantos Jorge Velho
de todos os Lucros,
de todos os Tempos,
de todas as Guardas!
Quantas Áureas Leis
da Justiça Branca!

(*coro branco, cantado*)

Queimamos, de medo
— do medo da História —
os nossos arquivos.
Pusemos em branco
a nossa memória.

(*recitado*)

Cultura à margem,
Culto condenado,
Fé de freguesia,
Giro tolerado,
Revolta ignorada,
História mentida.

Ressaca dos Portos,
Harlem dos Impérios,
Apartheid em casa,
favela do mundo.
Com “direito a enterro”,
sem direito à vida.
Pelourinhos brancos,
flagelados pretos.
Negro sem emprego,
sem voz e sem vez,
sem direito a ser,
a ser e a ser Negro.

Dobrados nos eitos,
os peitos quebrados.
Os peitos sugados
por filhos alheios,
senhores ingratos.
Bebês imolados
pelas Anas Paes.
Testas humilhadas
nas águas dos cais.
Bronze incandescente
nas bocas dos fornos.
Peões de fazenda,
pé de bôia-fria,
artista varrido
no pó da oficina,
garçom de boteco,
sombra de cozinha,
mão de subemprego,
carne de bordel...
Pixotes nas ruas,
caçados nos morros,
mortos no xadrez!

Negro embranquecido
pra sobreviver.
(Branco enegrecido
para gozação.)
Negro embranquecido,
morto mansamente
pela integração.

(*coro negro, cantado*)

Mulato iludido,
fica do teu lado,
do lado do Negro.
Não faças, Mulato,
a branca traição.

(*recitado*)

Padres estudados,
Pastores ouvidos,
Freiras ajeitadas,
Doutores da sorte,
Cantores de turno,
Monarcas de estádio...
Não negueis o Sangue,
o grito dos Mortos,
o cheiro do Negro,
o aroma da Raça,
a força do Povo,
a voz de Aruanda,
a volta aos QUILOMBOS!

(*solo, cantado*)

Bom Jesus de Pirapora,
na procura desta hora,
tem piedade de nós.

(*coro*)

Kyrie eleison!

(*solo, cantado*)

Senhor Morto, Deus da Vida,
nesta luta proibida,
tem piedade de nós.

(*coro*)

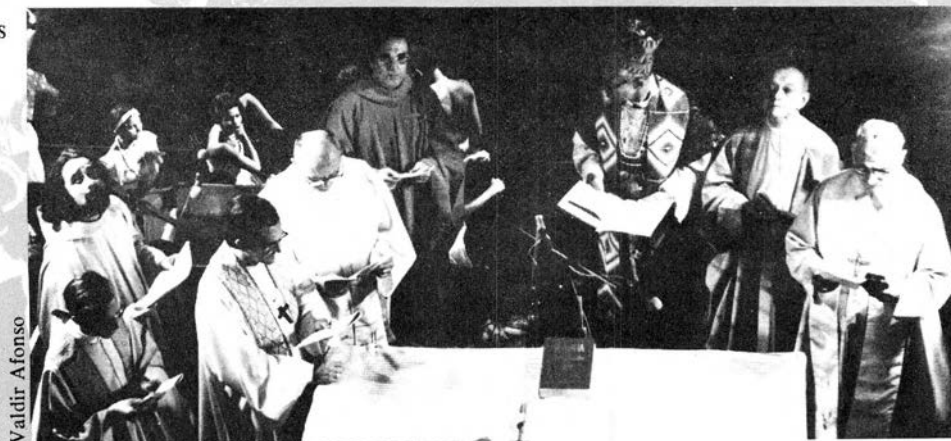
Christe eleison!

(*solo, cantado*)

Irmão Mór da Irmandade,
na Paixão da Liberdade,
tem piedade de nós.

(*coro*)

Kyrie eleison!



Valdir Afonso

Vista Geral dos Celebrantes:
D. Pedro Casaldáliga, D. Marcelo
Carvalho, D. José Maria,
D. Hélder.

IV. ALELUIA

(coro, cantado)

Aleluiá, aleluiá, aleluiá!

Fala, Jesus, Palavra de Deus:
Tu tens a palavra!

Aleluiá...

Irmão que fala a Verdade aos Irmãos.
dá-nos tua nova Libertação.
Quilombolas livres do lucro e do medo,
nós viveremos o teu Evangelho,
nós gritaremos o teu Evangelho!

Aleluiá...
Nenhum poder
nos calará!
Aleluiá, aleluiá, aleluiá!

Contra tantos mandatos do Ódio,
Tu nos trazes a Lei do Amor.
Frente a tanta Mentira,
Tu és a Verdade, Senhor.

Entre tanta notícia de Morte,
Tu tens a Palavra da Vida.
Sob tanta promessa fingida,
sobre tanta esperança frustrada,
Tu tens,
Senhor Jesus,
a última palavra.
E nós apostamos em Ti!!!

Aleluiá...
A Tua Verdade nos libertará.
Aleluiá!...

V. OFERTÓRIO

(recitado)

Na cuia das mãos
trazemos o vinho e o pão,
a luta e a fé dos irmãos,
que o Corpo e o Sangue do Cristo
serão.

(recitado)

O ouro do Milho
e não o dos Templos,
o sangue da Cana
e não dos Engenhos,
o pranto do Vinho,
no sangue dos Negros,
O Pão da Partilha
dos Pobres Libertos.

(recitado)

Trazemos no corpo
o mel do suor,
trazemos nos olhos
a dança da vida.
trazemos na luta, a Morte vencida.
No peito marcado trazemos o Amor.
Na Páscoa do Filho,
a Páscoa dos filhos
recebe, Senhor.

(solo, cantado)

Trazemos nos olhos,
as águas dos rios,
o brilho dos peixes,
a sombra da mata,
o orvalho da noite,
o espanto da caça,
a dança dos ventos,
a luta de prata,
trazemos nos olhos
o mundo, Senhor!

(recitado)

— Na palma das mãos trazemos o
milho,
a cana cortada, o branco algodão,
o fumo-resgate, a pinga-refúgio,
da carne da terra moldamos os potes
que guardam a água, a flor de alecrim,
no cheiro de incenso, erguemos o fruto
do nosso trabalho, Senhor! Olorum!

(solo, cantado)

O som do atabaque
marcando a cadência
dos negros batuques
nas noites imensas
da África negra,
da negra Bahia,
das Minas Gerais,
os surdos lamentos,
calados tormentos,
acolhe Olorum!

(recitado)

Com a força dos braços lavramos a terra,
cortamos a cana, amarga doçura
na mesa dos brancos.

Com a força dos braços cavamos a terra,
colhemos o ouro que hoje recobre
a igreja dos brancos.

Com a força dos braços plantamos, na terra,
o negro café, perene alimento
do lucro dos brancos.

Com a força dos braços, o grito entre
os dentes,
a alma em pedaços, erguemos impérios,
fizemos a América dos filhos dos
brancos!

(coro, cantado)

A brasa dos ferros lavrou-nos na pele,
lavrou-nos na alma, caminhos de cruz.
Recusa, Oloru, o grito, as correntes
e a voz do feitor, recebe o lamento,
acolhe a revolta dos negros, Senhor!

(recitado)

Trazemos no peito
os santos rosários,
rosários de penas, rosários de fé
na vida liberta, na paz dos quilombos
de negros e brancos
vermelhos no sangue.
A Nova Aruanda dos filhos do Povo
acolhe, Olorum!

(recitado)

Recebe, Senhor
a cabeça cortada
do Negro Zumbi,
guerreiro do Povo,
irmão dos rebeldes
nascidos aqui,
do fundo das veias, do fundo da raça,
o pranto dos negros, acolhe Senhor!

(coro, cantado)

Os pés tolerados na roda de samba,
o corpo domado nos ternos do congo,
inventam na sombra a nova cadência,
rompendo cadeias,
forçando caminhos,
ensaíam, libertos,
a marcha do Povo;
a festa dos negros, acolhe Olorum!

(estribilho)





VI. O SENHOR É SANTO

(coro, cantado)

O Senhor é Santo! O Senhor é Santo!
O Senhor é Santo!

O Senhor é o só Senhor.
Todos nós somos iguais.
Oxalá o Reino do Pai
seja sempre o nosso Reino.

O Senhor é Santo...

O Reino nos vem
em Cristo Rei Salvador.
O Reino se faz
no Povo Libertador.

Hosana! Hosana! Hosana!



Milton Nascimento, em compasso de ação de graças.

VII. RITO DA PAZ

(coro, cantado)

Saravá,
A-i-é,
Abá!

A Paz d'Aquele, que é
nossa Paz!
A Paz, que o Povo fará!

Saravá,
A-i-é
Abá!

A louca Esperança
de ver todo irmão
caindo na dança
da vida,
cantando vencida
toda Escravidão!

Vai ser abolida
a paz da Abolição
que agora temos.
E contra a paz cedida,
a Paz conquistada teremos!!!

Saravá,
do novo Quilombo de amanhã.
A-i-é dessa "festa de todos", que virá!

(à maneira de um pregão)

Aos treze de maio de mil-oitocentos-e-
oitenta-e-oito,
nos deram apenas decreto em palavras.
Mas a Liberdade
vamos conquistá-la!

(coro, cantado)

A-i-é,
A paz d'Aquele, que é
nossa Paz!

Abá,
a Paz que o Povo fará!

Palmares das lutas da Libertação.
Palmeiras da Páscoa da Ressurreição.

Saravá, A-i-é, Abá!!!

VIII. COMUNHÃO

(recitado)

Bebendo a divina bebida
do teu Sangue Limpo, Senhor,
lavamos as marcas da vida,
libertos na Lei do Amor.

Comendo a carne vivente
do Teu Corpo morto na Cruz,
vencemos a Morte insolente
na vida mais forte, Jesus.

Nutrindo a luta na Aliança
e a Marcha em teu novo Maná,
queremos firmar a Esperança
da Aruanda que um dia virá.

Ara wara kosi mi fara.

Todos unidos
num mesmo Corpo,
nada no mundo
nos vencerá.
Todos unidos em Cristo Jesus,
Oxalá!

Ara wara kosi mi fara.

(solo, masculino)

Partilha diária em mesa de irmãos.
Porque não é livre quem não tem
seu pão.

(solo, feminino)

Partilha constante, na festa e na dor.
Porque não é livre quem não sente amor.

(solo, masculino)

Partilha fraterna de bantus iguais.
Porque não é livre quem junta de mais.

(solo, feminino)

Partilha de muitos unidos na fé.
Porque não é livre quem não é o que é.

(solo, masculino)

Partilha arriscada de vir a perder.
Porque não é livre quem teme morrer.

(solo, feminino)

Partilha segura da Libertação,
que o Cristo partilha a Ressurreição.

Ara wara kosi mi fara, etc....

IX. LADAINHA

(leitor)

Unidos à procura dos quilombos da Libertação, celebramos a “memória perigosa” da Páscoa de Jesus, comungando a força do seu Corpo Ressuscitado.

Recolhemos na mesma comunhão o trabalho, as lutas, o martírio do Povo Negro de todos os tempos e de todos os lugares.

E invocamos sobre a caminhada, a presença amiga dos Santos, das Testemunhas, dos militantes, dos Artistas, e de todos os construtores anônimos da Esperança Negra.

(solo, cantado)

Porque está na hora,
pedimos o auxílio de todos os santos,
chamamos a força dos mortos na luta
porque está na hora,
o jeito dos mestres da reza e do canto;
porque está na hora,
cantamos malembes pra Nossa Senhora.

(coro, cantado)

Caô — Cabê em si — Iobá
Todos os santos nos vão ajudar!

(recitado)

(voz, masculina)

Zumbi dos Palmares, Patriarca mártir
de todos os Quilombos de ontem, de
hoje e de amanhã.

(voz, feminina)

Dragão do Mar, Francisco José do
Nascimento, João Cândido que a
chibata não dobrou, Pedro Ivo
sombra dos Praieiros pernambucanos
Angelim dos Cabanos, madeira da
Resistência e todos os rebeldes do
Povo, na Terra e no Mar.

(masculina)

José do Patrocínio e todos os
pregoeiros da Libertação.

(feminina)

Haussás, Nagôs e Alfaiates da Negra
Bahia, e todos os Grupos e
movimentos Negros que reivindicam o
Futuro.

(masculina)

Arturo Alfonso Schomburg, memória
do “Povo sem História”, voz
libertária do Caribe.

(feminina)

Lumumba, tambor-tempestade da
África levantada.

(masculina)

Chimpa-Vita, Beatriz do Congo,
bandeira em chamas das
negras-coragem, e todas as
mães-pretas arrancadas da pedra
morta para as lutas da vida! E todas
as Marlys das baixadas
desmascarando o rosto dos assassinos,
e todas as anônimas heróicas
comadres negras, eixo fecundo da
Sobrevivência da Raça.

(feminina)

Negrinho do Pastoreio, anjo dos
vaqueiros das reses perdidas e todos
os guias negros das causas do Povo.

(masculina)

Crianças de Soweto e de Atlanta,
massacres da prepotência racial,
colheita prematura da Juventude
Negra.

(feminina)

Santeiro Aleijadinho, entalhador dos
Santos do Povo.

(masculina)

Louis Armstrong e todos os metais e
todas as cordas e todos os Negros
Spirituals da América Negra.

(feminina)

Amílcar Cabral, pai educador da
Liberdade Africana.

(masculina)

James Meredith, paixão matinal e
todos os estudantes dos campus e das
ruas que marchais abrindo História.

(feminina)

Solano Trindade e todos os poetas da
madeira, da palavra e da alma negra
nunca embranquecida.

(masculina)

Santo Dias, Companheiro, suor e
sangue da Periferia, mártir na cruz
das Empresas, e todos os retirantes,
lavradores, bóias-frias e operários,
construtores do Sindicato livre e da
Comunidade Fraterna.

(coro, cantado)

Caô...

(feminina)

Santos Reis dos presentes da terra e
do culto, peregrinos incansáveis à luz
da estrela, atrás do Menino.

(masculina)

São Benedito, irmão acolhedor dos
pedidos dos Pobres.

(feminina)

Santo Agostinho, mente e coração da
África Mãe.

(masculina)

São Martinho de Lima, porteiro
solicito da América Negra.

(feminina)

Santa Ifigênia, discípula do Apóstolo
e congregadora de virgens.

(masculina)

São Pedro Claver, escravo fraterno
dos escravos negros.

(feminina)

São Gonçalo de Amarante, peregrino
e evangelizador dos Pobres.

(masculina)

São Cosme e Damião, curadores do
povo sofredor.

(feminina)

Valência Cano, mártir bom pastor do
Litoral Negro, Irmão Lourenço de
Nossa Senhora, garimpeiro do
Evangelho, ermitão da Comunidade.
Frei Gregório de José Maria,
deportado para o Amazonas, Padre
Canabarro, vigário comprometido no
Sul e todos os pastores, romeiros,
missionários, ermitães e confrades
devotados ao pranto e à Esperança do
Povo Negro.

(masculina)

Santo Onofre, anacoreta da longa
solidão.

(feminina)

Carlos Lwanga e companheiros
mártires de Uganda.

(masculina)

Martim Luther King, pastor na vida e
na morte, voz permanente da marcha
da Libertação, e todos os mártires da
Paz perseguida.

(coro, cantado)

Caô...

X. LOUVAÇÃO A MARIAMA

(coro, cantado)

Mariama,
Iya, Iya, ô,
Mãe do Bom Senhor!

Maria Mulata,
Maria daquela
colônia favela,
que foi Nazaré.

Morena formosa,
Mater dolorosa,
Sinhá vitoriosa,
Rosário dos pretos mistérios da Fé.

Mãe do Santo, Santa,
Comadre de tantas,
liberta mulhé.

Pobre do Presépio, Forte do Calvário,
Saravá da Páscoa de Ressurreição,
Roseira e corrente do nosso Rosário,
Fiel Companheira da Libertação.

Por teu Ventre Livre, que é o verdadeiro,
pois nos gera livres no Libertador,
acalanta o Povo que está em cativeiro,
Mucama Senhora e Mãe do Senhor.

Canta sobre o Morro tua Profecia,
que derruba os ricos e os grandes, Maria.

Ergue os submetidos, marca os renegados,
samba na alegria dos pés congregados.

Encoraja os gritos, acende os olhares,
ajunta os escravos em novos Palmares.

Desce novamente às redes da vida
do teu Povo Negro, Negra Aparecida!!!



Valdir Afonso

XI. MARCHA FINAL (música de Banzo e de Esperança)

(recitado)

Banzo da Terra que será nossa,
banzo de todos na Liberdade,
banzo da vida que vai ser outra,
banzo do Reino, maior saudade,
saudade em luta do Amanhã,
vontade da Aruanda que um dia virá!
Saudade da Terra e dos Céus,
o banzo do Homem, saudade de Deus.

(recitado)

Trancados na Noite, Milênios afora
forçamos agora,
as portas do Dia.
Faremos um Povo de igual Rebeldia.
Faremos um Povo de bantus iguais.
Faremos de todos os lares
fraternas senzalas, sem mais.
Faremos a Negra Utopia
do novo PALMARES
na só Casa Grande dos filhos do Pai.

Os Negros da África,
os afros da América,
os Negros do Mundo,
na Aliança com todos os Pobres
da Terra.

Seremos o Povo dos Povos:
Povo resgatado,
Povo aquilombado,
livre de senhores,
de ninguém escravo,
senhores de nós,
irmãos de senhores,
filhos do Senhor!

(recitado)

Sendo Negro o Negro,
sendo índio o índio,
sendo cada um
como nos tem feito
a mão de Olorum.

(recitado)

Seremos Zumbi, construtores
dos novos QUILOMBOS queridos.
Nos muros remidos
da nossa Cidade,
nos Campos, por fim repartidos,
na Igreja do Rei,
de novo do Povo,
seremos a Lei
da nova Irmandade,
Iremos vestidos
das palmas da Vida.
Teremos a cor da Igualdade.
Seremos a exata medida
da humana feliz Dignidade.

Berimbaus da Páscoa marcarão o pé,
o pé quilombola do novo Toré.
Pela Terra inteira
juntos dançaremos
nossa Capoeira.
Seremos bandeira,
seremos foliões.
No Novo Israel plantaremos
as tendas dos filhos do Santo.
Os prantos, os gritos, unidos num canto
de irmãos corações,
na luta e na festa do ano inteiro.

(recitado)

No rosto de todos os homens sinceros,
a marca da tribo de Deus,
o Sangue sinal do Cordeiro.

(recitado)

E à espera do nosso Quilombo total
— o alto Quilombo dos Céus —,
os braços erguidos, os Povos unidos
serão a muralha ao Medo e ao Mal,
serão valhaçouto da Aurora desperta
nos olhos do Povo,
da Terra liberta
no QUILOMBO NOVO!!!

(música final)



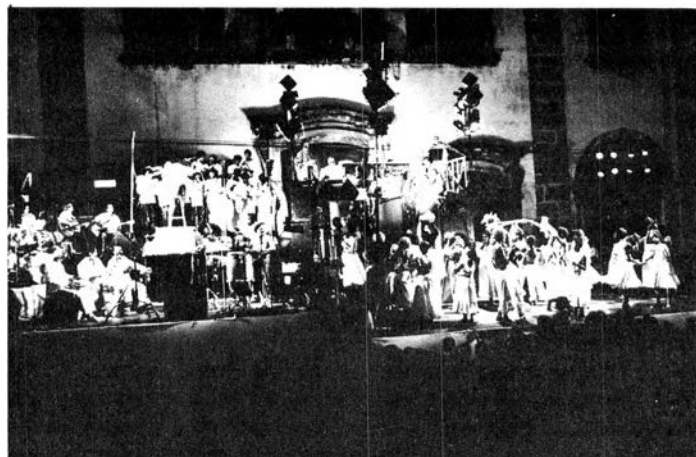
Eduardo Hoornaert

A Missa dos Quilombos

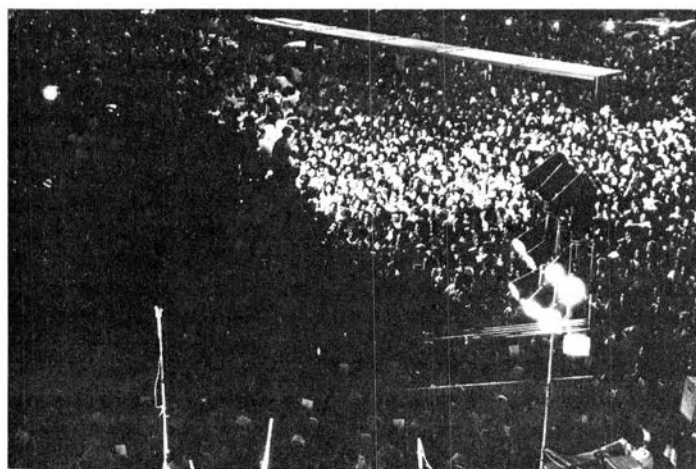
Na noite de 22 de novembro de 1981 celebrou-se na Praça do Carmo, no Recife, no local exato onde a cabeça do líder negro Zumbi foi exposta em 1695, a Missa dos Quilombos. Naquela noite a “memória perigosa” de Zumbi pairou sobre uma multidão de aproximadamente 8 mil pessoas que com notável atenção e até devoção acompanhavam uma liturgia penitencial inédita no Brasil, na América e no âmbito católico em geral: alguns altos representantes da Igreja Católica (no palco central, em torno do altar, estavam Dom José Maria Pires, Dom Hélder Câmara, Dom Manuel Pereira, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Marcelo Carvalheira), em presença de representantes do clero e do povo, se penitenciaram e pediram perdão pela atitude multissecular da Igreja diante dos negros, da “denegrada África” e especialmente diante dos escravos fujões e aquilombados considerados os maiores inimigos da empresa cristã durante séculos, conforme diz uma carta do Padre Pero Rodrigues de 1º de maio de 1597: “Os primeiros inimigos são os negros da Guiné alevantados que estão em algumas serras, donde vêm a fazer saltos, e dão muito trabalho e pode vir tempo em que se atrevam a destruir fazendas como fazem seus parentes na ilha de São Tomé” (cf. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 358).

Essa Missa dos Quilombos certamente não brotou das bases negras do povo nem da prática eclesial das comunidades de base, mas sim da sensibilidade de alguns intelectuais. Aí está a precariedade desta celebração: será que ela realmente terá o impacto histórico que os mais entusiasmados lhe atribuem? Qual pode ser sua funcionalidade no catolicismo histórico dentro do qual estamos inseridos? Há indícios de que esta celebração pode vir a ter desdobramentos no nível das práticas eclesiais na base? Quais seriam estes indícios?

Nesta perspectiva há algo a dizer. Em primeiro lugar, celebrar a Missa do Quilombo não significa apenas comemorar o passado, significa antes de tudo intuir o presente. Quilombo no Brasil é atualidade, não passado. Pois os bairros populares das grandes metrópoles brasileiras são na verdade quilombos, onde os negros se sentem em casa (quilombo ou mocambo significa casa). O mundo do trabalho é adverso ao trabalhador, o mundo do bairro lhe é familiar. Aí ele se refaz, conversa, anda no meio da rua, transforma a rua em campo improvisado de futebol, distingue entre “quilombolas” (os maloqueiros) e forasteiros, se sente aceito. Um estudo feito por um estudante em teologia acerca do



Valdir Afonso



Valdir Afonso

Visão de Conjunto diante da Igreja do Carmo e vista geral da praça.

comportamento das pessoas no ônibus que faz o trajeto centro-periferia revelou como o pessoal do bairro fica mais silencioso, “bem comportado” e individualista na medida em que o ônibus se aproxima do centro da cidade e se solta (solta palavrões) ao aproximar-se do bairro. Viver num bairro popular comporta uma maneira específica de se relacionar e de se identificar. O fato de o bairro ser considerado perigoso, “cheio de ladrões e maloqueiros”, afasta os burgueses e os faz desistir de seu projeto de apoderar-se destes terrenos que são freqüentemente muito bem localizados e agradáveis,

chegou tarde demais?

como no caso dos morros do Recife. A especulação imobiliária que ameaça os bairros populares encontra neste “caráter quilombola” dos mesmos um impedimento. No dia em que estes bairros perderem este caráter, eles não terão muita resistência diante da invasão burguesa. Desta forma, preservar o quilombo é preservar uma raiz importante do povo de descendência africana. Haveria muita coisa a dizer sobre os quilombos urbanos e seu significado. Basta recordar quantos nomes de bairros suburbanos lembram a “denegrada África”. Só para falar em Rio de Janeiro: Catete, Catumbi, Gamboa, Calabouço, Livramento, Morro do Desterro, etc.

Uma segunda consideração: a atual religião dos “quilombos urbanos” guardou os traços fundamentais dos quilombos antigos. Os descendentes dos africanos no Brasil foram e ainda são de uma surpreendente fidelidade a uma estratégia que o sistema colonial lhes possibilitou: a estratégia da resistência pela religião. A “Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco no tempo do Governador Dom Pedro de Almeida, de 1675 a 1678”, único documento contemporâneo da época de Palmares, reza assim: “E com serem estes bárbaros tão esquecidos de toda sujeição, não perderam de todo o reconhecimento da igreja: nesta cidade (de Macaco) têm capela a que recorrem nos seus apertos e imagens a que encomendam suas tenções. Quando se entrou nesta capela achou-se uma imagem do Menino Jesus...; escolhem um dos mais ladinos a quem veneram como a pároco: este os batiza e os casa...; ensinam-se entre eles algumas orações cristãs, observam-se os documentos da fé que cabem na sua capacidade” (*Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, 22, 1859, 306-307). O mesmo se verifica hoje: no bairro da periferia do Recife chamado Alto do Pascoal (o tal do Pascoal foi fujão também) existem 17 Centros Espíritas, 56 terreiros de Xangô, 7 Assembléias de Deus, 5 Igrejas Batistas, 3 Igrejas Presbiterianas e apenas 2 Igrejas (ou capelas) católicas. Pode-se dizer que os habitantes deste bairro “não perderam de todo o reconhecimento da Igreja”, que eles “observam os documentos da fé que cabem na sua capacidade”, mas que a religião mesmo é de raiz africana, mesmo sob a “lei dos crentes”, como bem observou Émile Léonard no seu estudo acerca do protestantismo brasileiro ao falar do “caráter iluminista” (ou iluminado, entusiasmado) do protestantismo popular. Sob as três “leis” (a católica, a protestante, a espírita) tremula a chama da esperança africana, da identidade quilombola. Os habitantes destes bairros vivem uma religião na qual a “idéia de Deus é a luz que

se vê, o ar que se respira, a pele em que se vive” (cit. M. Groetelaars, *Milagre e religiosidade Popular*, Vozes, 1981, 96). Os colonizadores se convencionaram a chamar a esta religião de “animismo” (ou espiritismo, especialmente no Brasil) e pelo resto não se interessaram em descobrir-lhe a profundidade e o significado.

Em terceiro lugar: coloca-se aqui de forma premente a questão da organicidade dos atuais agentes de pastoral. Influenciados por uma já longa tradição ocidental que remonta ao iluminismo (século XVIII), os agentes de pastoral mal percebem a relevância da luta cultural. Eles compreendem a importância da luta pela libertação nos níveis econômicos, sociais e políticos, mas fazem com dificuldade a passagem entre estes “níveis” e a luta cultural. Esquecem que cada símbolo, cada discurso, cada expressão cultural é uma arma, a favor ou contra o povo. As ciências, da forma em que foram praticadas na Europa e na América do Norte, acreditam demais nos esquemas de progresso e desenvolvimento para darem a devida atenção às experiências de luta e resistência dos povos oprimidos codificadas, celebradas e vivificadas pela religião.

Eis a razão profunda, na nossa opinião, da pouca receptividade diante desta Missa dos Quilombos em certos ambientes eclesiais sinceramente engajados nas lutas populares. Acreditamos mesmo que a Igreja na América Latina necessita de uma nova “patrística”, não no sentido de uma aliança com o pensamento elitista e erudito da época, mas no sentido de uma aliança com a religião vivida pelos pobres. Até hoje só temos tipologias acerca da assim chamada “religiosidade popular” mas falta-nos um mergulho mais profundo e mais “compreensivo”. Como diria Michel de Certeau, só um diálogo cultural em toda a profundidade no nível dos problemas existenciais pode fazer com que se compreenda o significado dos significantes da religião dos “quilombolas” de nossos mundos suburbanos.

Eis o desafio desta Missa dos Quilombos: o de se situar em profundidade diante da realidade negra deste país, como disse Dom José Maria Pires no seu excelente sermão. Ou será que já é tarde demais e que o catolicismo já não significa mais nada para as massas de cor negra senão um mero cenário, simplesmente uma plataforma de credibilidade junto à sociedade estabelecida?

A questão racial: pontos de vista.

Abgail Paschoa Alves de Souza

Assistente Social
Presidente da Junta Governativa do Instituto de
Pesquisa das Culturas Negras

1. Os primeiros negros trazidos ao Brasil como escravos pertenciam a várias etnias e eram oriundos de diversas regiões africanas. Embarcado, geralmente, através da Costa Noroeste, era o homem africano, antes de tudo, o perdedor de uma guerra em sua aldeia interiorana. Vencido em sua terra, aprisionado pelo invasor, a chegada destes homens às terras do Brasil, nada tem de heróico. Foram levados para um porto e embarcados, junto com outros homens, de outras nacionalidades que falavam outra língua e praticavam outras religiões. Em comum, tinham apenas a violência de que foram vítimas. O horror da viagem, entretanto, os irmana e, à chegada, não existem mais línguas ou Cajangas, ou Acqualtunes, mas simplesmente NEGROS.

É a trajetória destes negros sem nome, rebatizado de João, Maria, Benedito, Calixto... que nós, seus descendentes, buscamos entender.

É importante para nós, negros brasileiros, apreender as formas de sobrevivência dos escravos, nossos avós.

Ao descobrir que força os sustentou, submetidos ao horror do cativeiro, coisificados na mão do opressor, vamos lograr encontrar o caminho da nossa própria identidade perdida.

Porque se escravo resistiu ao regime desumano de trabalho, às torturas aviltantes, a ser possuído por um outro homem, o negro perdeu o amor pela sua cor. E, por mais que os negros escravos lutassem contra a submissão total, por mais que conseguissem empurrar seus elementos culturais até os dias de hoje e, por mais que seus descendentes sejam a maioria do povo brasileiro — junto com o nome foi-lhes arrancada a negritude. Foram-lhe impostos os valores do opressor: e a cabeça do Brasil é BRANCA.

2. Foi somente na última década que os negros brasileiros tiveram coragem de assumir o gostar da cor de sua pele, de admitir que havia alguma coisa de extremamente belo na cor negra.

Este despertar coincide e é influenciado pelo ecoar no mundo do brado de liberdade da África Negra.

Até então o negro brasileiro trazia em sua cor o estigma do cativeiro de seu povo. E a ideologia do dominador estava de tal forma impregnada em seu pensar que identifica negritude com escravidão. E mais, acredita que a cor de sua pele seja o elemento causal da escravidão.

Não é por acaso que os livros escolares ensinam que os negros eram mais “afeitos” à escravidão que os índios. E os negros se envergonham por ser “afeitos” à escravidão sem levar em conta que homem algum escolhe ser escravo, mas alguns escolhem ser escravizados. Este equívoco levou o negro e a totalidade dos brasileiros, seus irmãos, a coisificar mais uma vez o escravo, negando-lhe seu passado de homem livre. Foram as duas lutas dos povos africanos, contra os regimes coloniais que os submetiam, que transformaram, a nossos olhos, o negro num ser lutador, heróico e livre. E, o mais importante, deu condições para o resgate na memória dos brasileiros de seus heróis negros — Ganga Zumba, Zumbi e muitos outros, cujos nomes os seus opressores não foram capazes de apagar, e nem a condição de luta.

3. É só, a partir deste despertar da consciência negra, que alguns grupos passam a repensar o negro no Brasil. O movimento negro começa a descobrir que — na relação opressor/oprimido — o oprimido algumas vezes é branco mas o opressor nunca é negro. Esta colocação deixa de ser meramente racial e a questão pode começar a ser recolocada em termos políticos.

É muito difícil para os negros brasileiros passarem a pensar como negros — e é muito importante que o façam — sem identificarem, de uma forma muito simplista, o opressor com “os brancos”. À medida que caem em mais este equívoco, estão afirmando a ideologia do opressor e adotando a postura escravista que, reduzindo a questão do poder e da dominação a critérios raciais, determinou nos portos africanos que os povos ali submetidos eram negros e portanto passíveis de serem escravizados, brutalizados e até cristianizados...

Os grupos negros — e todos aqueles — que tentam entender a questão racial devem ter claro que a ideologia racista de dominação e, somente a ela, serve a valoração da cor da pele, em qualquer análise sobre o relacionamento entre os homens.

4. Os grupos negros são cada dia mais numerosos e, neste processo de organização dos negros brasileiros, onde as questões fundamentais estão longe de serem resolvidas, surge um risco sério a ser levado em consideração: as tentativas de cooptação de que são vítimas por parte do sistema de opressão.

O movimento negro, formado de vários pequenos grupos, sem um contato formal entre si, é representado ainda por um número muito pequeno de homens e mulheres que buscam a sua identidade étnica e lutam pelo resgate da memória histórica de sua gente, da importância de seus antepassados na formação do Brasil de hoje.

A sua trajetória de volta ao homem livre africano, a revisão que tentam fazer da historiografia brasileira, a coragem com que falam sobre o preconceito racial, antes negado pelos próprios negros, envergonhados de serem vítimas, tudo isso, coloca estes negros

despertos numa posição de liderança frente à comunidade de que fazem parte.

E são tantos os negros brasileiros, são tantos os descendentes de escravos que hoje escapam do processo de branqueamento por que passou o povo brasileiro, que o pequeno grupo de militantes passa a despertar o interesse dos donos do poder.

Estes já não os podem fazer acreditar que um dia se tornarão brancos. Esses não podem transformá-los em fenômenos individuais, novos Patrocínios e Pelés.

É preciso, pois, apressá-los. É preciso transformá-los em cativos de uma nova espécie. É necessário criar uma categoria especial de negros que sirvam como porta-vozes do poder junto à grande massa negra.

5. À medida em que as organizações negras avançarem, o sistema de poder irá oferecer-lhes vantagens, irá conceder-lhes espaços e recuará taticamente. A consciência de que a luta pela liberdade é a grande herança que recebemos de nossos antepassados e que, esta herança, poderá ser compartilhada com todo o povo brasileiro, dará a nós, militantes negros, a legitimidade de nossa luta.

A redenção daquele homem negro, livre, de quem tiraram tudo e a quem jogaram cativo nestas terras do Brasil se dará no dia em que a eterna sede de liberdade que nos legou, seja saciada por todos os brasileiros, seus filhos, sem diferença de cor, credo ou raça.



Lourdes Grzybowski

Será o Brasil uma democracia racial?

Antônio Olímpio de Sant'Ana

Pastor Metodista

Secretário Executivo de Ação Comunitária da Igreja Metodista no Brasil

Membro da Pastoral Universitária do Instituto Metodista de Ensino Superior — SBC — SP

Membro do MONEME (Movimento Negro da Igreja Metodista)

Um dos coordenadores do projeto Relações Raciais no Protestantismo Brasileiro do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião, Rio de Janeiro).

Somos parte de uma sociedade em crise permanente, onde a maioria dominante tem na exploração do trabalho alheio e na marginalização de segmentos sociais a fonte de sua riqueza e poder, sociedade que procura silenciar os oprimidos pela violência e opressão em nome da "ordem e paz social" e pelo racismo disfarçado de "democracia racial". Não há harmonia entre classes nem "democracia racial" numa sociedade onde a maioria negra tem o seu direito ao trabalho, ao salário condigno e à segurança social negados pela força, sendo submetida a cruéis condições de vida, confinada nas favelas, alagados, cortiços, lixões, malocas, mocambos, humilhada pela violência policial que objetiva intimidar e destruir a resistência moral frente à opressão.

O mundo pensa que o Brasil é um paraíso racial. Essa falsa idéia difundida pelos órgãos oficiais é uma tentativa para esconder a realidade das relações interétnicas que acontecem entre o

branco preconceituoso, dono do poder, e o negro oprimido e marginalizado.

Procurando desenvolver este conceito de "democracia racial" no exterior, o Brasil tem-se aproximado de países africanos; tem criado órgãos afro-brasileiros que possam facilitar e incrementar as relações comerciais, culturais e econômicas com a África (a África é hoje uma das maiores opções comerciais do mundo); tem-se colocado contra a África do Sul em sua política a favor do "apartheid"; tem oferecido bolsas de estudos para estudantes africanos nas universidades brasileiras. Estas e outras atitudes do governo brasileiro, elogiáveis a nível de política externa, não se refletem, contudo, nas relações interétnicas internamente. A realidade é outra. O povo brasileiro é racista, classista, e tem um acentuado preconceito de cor. Ao contrário das informações oficiais, o negro é vítima de uma violência racial profunda, difundida e diversificada.

"O negro é bárbaro e servil, tendo nascido do nada."

Reuter, sociólogo racista americano

"O negro é desesperadamente imoral."

John Mecklin, sociólogo racista americano

"A luta da raça branca contra as demais é inevitável e estimula o progresso."

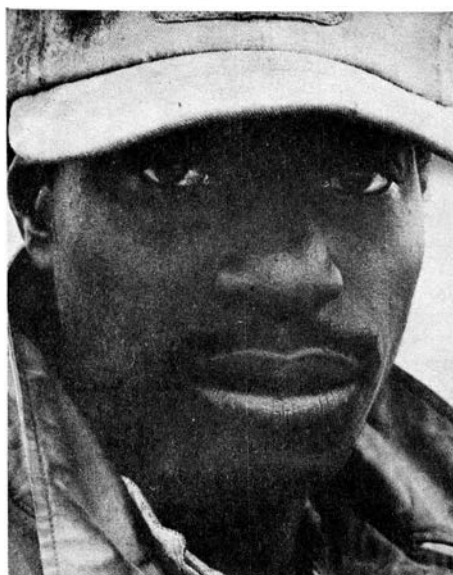
Herbert Spencer, sociólogo racista americano

Para mascarar a violência da qual o negro é vítima, os ideólogos do sistema criaram a imagem de um Brasil paraíso multi-racial e há mecanismos para manter esta imagem falsa. Ao mesmo tempo em que violentam ao negro, criam mecanismos para camuflar esta violência. Criam certos mitos que são

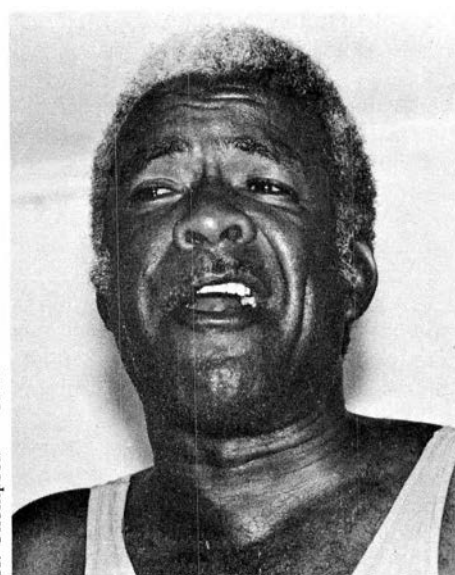


Lourdes Grzybowski

repassados através de nossa literatura, textos escolares, meios de comunicação social, literatura de cordel onde o negro aparece como sinônimo de diabo. O esquema de desvalorização do negro é tão perfeito que conseguiu penetrar na mente das camadas sociais onde se reflete através de uma série de estereótipos que inferiorizam o negro diante do branco. Além disso, estes mitos objetivam repassar a falsa idéia de uma sociedade onde não há racismo, onde há a ausência de processos aculturadores, de embranquecimento, onde há integração social. Todos estes mitos são hoje usados como instrumentos de manipulação ideológica. Estes mitos dificultam a percepção da verdadeira realidade que o negro enfrenta no Brasil.



K. Thompson — CMI



Lourdes Grzybowski

Estamos vivendo em uma sociedade, não só racista, mas também classista. A Europa, homogênea racialmente, estabelece categorias econômicas segundo suas posses: oprimidos e opressores na medida em que possuam ou não dinheiro, fábricas ou terras. E o espírito capitalista e imperialista dos europeus levou-os a invadir o mundo conhecido da época, levando as suas doutrinas religiosas, políticas e sociais. O capitalismo europeu provoca inequivocamente a luta de classes, e o negro, dentro do contexto de reação de todos os explorados e marginalizados, reage por melhores salários, moradias adequadas à sobrevivência humana, escolas para todos e não somente para um grupo de privilegiados. Não podemos, contudo, reduzir a exploração de que o negro é vítima a uma dimensão somente econômica e política de classe. Por outro lado não podemos, também, isolar a dominação racial como um problema em si e para si, à margem de toda consideração estrutural, separando as lutas do racismo das lutas populares. Pablo Richard, teólogo costarricense, afirma que em toda dominação de classes há sempre uma segregação e discriminação racial. O opressor sempre considera o oprimido como raça inferior; o pobre tem sempre outra cor. Não podemos, afirma ele, contrapor luta racial e luta de classes, nem reduzi-las uma à outra. A força da luta popular de libertação está na combinação dialética de ambas, que se reforçam mutuamente no interior de um mesmo processo político de libertação.

“Uma consciência culpada parece impedir que se descubram os mecanismos históricos e sociais que levaram o negro brasileiro a se encontrar na situação em que se encontra... Este processo histórico de esmagamento social, cultural e político explica por que o negro se encontra nos últimos patamares de uma sociedade que ele não apenas ajudou a construir, mas da qual foi o grande construtor.”

Clóvis Moura, sociólogo, São Paulo

A violência contra o negro é histórica. Ela se prolonga até à África, a Pátria-Mãe dos negros de todo o mundo. E, na medida em que a África se liberta de seus opressores e se reestrutura, provoca no negro brasileiro o desejo de redescobrir cada vez mais a sua negritude, a sua identidade, capacitando-se assim para dinamizar a reação, que já é evidente, contra a ideologia de dominação que sustenta como “consequência natural” a inferioridade racial e cultural do negro e a “superioridade natural” do branco. O negro, dizem os racistas, está em um estágio evolutivo inferior cultural e racial, estando, portanto, incapacitado para participar como sujeito do processo econômico, social e político. Permitem aos negros certas manifestações culturais e religiosas que na realidade objetivam “manter o negro no seu devido lugar”. Os temas políticos e culturais conscientizadores, bem como as instituições, não são aceitas como integrantes dinâmicas das demais instituições sociais e essa recusa provoca, conseqüentemente, o isolamento que justifica o conceito de inferioridade da cultura negra.

“O discurso liberal é o traço marcante de nossa História. Restrito, evidentemente, ao usufruto das camadas dominantes... Reivindicações populares foram sempre reprimidas como banditismo, postas à margem da História, criando-se desta forma o mito da democracia racial.”

Prof.^a Dulce C.A. Whitaker, UNESP, Araraquara, São Paulo

O negro é neutralizado como sujeito de sua própria História. A sua História tem sido até hoje a História do branco, contada à sua maneira, objetivando legitimar interesses racistas. Como negros precisamos de uma História pesquisada, interpretada e relatada pelo próprio negro. História onde sejamos sujeitos e não objetos de análise. É preciso revelar a existência de tantos negros que fizeram História e que a História branca escondeu.

O negro é neutralizado em sua iniciativa para a libertação. Os mecanismos de controle e dominação oficiais neutralizam sua iniciativa através da perseguição sistemática aos seus mais dinâmicos movimentos. Em 1930 criaram o mito da democracia racial e ao mesmo tempo iniciou-se uma perseguição sistematizada e o fechamento dos principais movimentos políticos dos negros, desenvolvendo na mesma ocasião uma intolerância etnocêntrica contra as manifestações culturais e religiosas, transformando-as em simples manifestações folclóricas. O negro é violentado na sua cultura quando a vê transformada em simples passatempo para as horas de lazer e curiosidade dos brancos. O mito da democracia

racial procura esconder a existência e força de uma cultura negra, isto é, um sistema cultural simbólico com regras próprias, possuidoras de um caráter popular e erudito, em condições para responder pela identidade histórica do homem negro no Brasil.

“As seqüelas estão na alienação mental, no imperialismo cultural. Os mol- des de referência aqui, como na África, são ocidentais. Nossos sábios não são reconhecidos até que recebam o aval da Europa ou dos Estados Unidos. O próprio modelo de embranquecimento é uma seqüela da colonização. A cultura brasileira é uma síntese de culturas, com tendência marcada para o branqueamento. Suas raízes africanas não são muito privilegiadas e isso para mim é consequência da colonização.”

Prof. Kabenguele Nunanga, Zaire

Os estereótipos representam, também, uma das maiores violências praticadas contra o negro no Brasil. Eis alguns: “serviço de preto”, “negro de alma branca”, “negro rico é branco”, “negro, quando não faz na entrada faz na saída”, “negro que é negro, não mija fora do penico”, “negro que se preza”, “a situação está preta”, “negro metido a besta”, “negro não vai para o céu nem que seja rezador, tem cabelo de espeto, que espetou Nosso Senhor”.

A violência racial profunda, difundida e diversificada, gerou em toda a comunidade negra um outro elemento altamente pernicioso para a sua sobrevivência: o medo psicológico. Essa violência psíquica gerou no negro a vergonha de ser negro, levando-o a adotar, para poder sobreviver, os próprios valores preconceituosos de uma sociedade racista, facilitando assim o seu controle, a sua desestruturação, a sua impotência e submissão. Interiorizaram no negro o papel básico de ser mão-de-obra barata, com possibilidades de realizar apenas trabalhos mais simples e penosos. Mas, apesar desta interiorização maléfica, diabólica, os negros têm resistido heroicamente durante séculos, encontrando-se hoje andando pelas ruas como bêbados, mendigos, loucos (pela dureza da vida que são obrigados a viver), desempregados; trabalhando como empregadas domésticas, motoristas, trocadores de ônibus, vendedores ambulantes, prostitutas, serventes, limpadores de

sarjetas e bueiros fétidos, olheiros de ponto do jogo de bicho, lixeiros, guardas de banco, carteiros, lavadores de carros, lavradores. Há negros ricos? Há. Existem negros exercendo profissões liberais? Existem. Contudo eles são exceções reduzidíssimas. O baixíssimo salário que a grande maioria recebe a obriga a residir nos guetos brasileiros que são as favelas, os mocambos, as malocas, os cortiços, os alagados, onde as pessoas vivem em péssimas condições de saúde e higiene, sem transportes e escolas. Nestes locais os negros e outros marginalizados permanecem sofrendo e resistindo, aprendendo sobre si mesmos, capacitando-se através do próprio sofrimento e resistência a questionar os papéis e lugares reservados para eles pela sociedade branca opressora, pois esta prisão psicológica e física os mantém em constante desvantagem com relação às conquistas sociais.

A Europa ocidental tem uma grande dívida para com a África e os negros da diáspora. Ela tornou-se opulenta e poderosa, também, através da transferência de riquezas africanas; ela tornou-se desenvolvida e abastada através da exploração de milhões de negros africanos e da diáspora. E nós, negros brasileiros, sabemos do sacrifício e dolorido sofrimento que tivemos nas lavouras e nas minas de ouro para manter o luxo e a opulência das cortes européias, principalmente as de Portugal e Inglaterra.

“O racismo é uma dimensão estrutural do sistema capitalista; além de ser uma violação dos Direitos Humanos é também uma manifestação conatural do mesmo sistema.”

Pablo Richard, teólogo, Costa Rica

“CNBB: trabalhador negro recebe o menor salário: brancos, 72%, negros, 25%. De todos os salários no País, 72% ficam com os empregados brancos que representam 57% dos trabalhadores. Os negros que representam 40% da força de trabalho, levam para casa somente 25% dos rendimentos. No campo, onde os brancos são ligeiramente inferiores aos negros (48,3%), 57% dos salários lhes são destinados. A mesma disparidade acontece nos serviços braçais urbanos, onde os brancos (54%) ganham mais de dois terços dos salários, deixando com os negros apenas 37%. Esta diferença é constatada em todas as ocupações.”

Pesquisa do IBASE para a CNBB

VIOÊNCIA POLICIAL

A população negra tem sido vítima de uma repressão policial violenta através da História. Desde os tempos da Colônia até aos nossos dias, a violência policial procura manter o negro submisso, impotente, medroso, “em seu devido lugar”. O mito da democracia racial iguala a todas as pessoas e se o negro está desempregado, é porque é vagabundo; se reclama os seus direitos, é subversivo; e, para os “vagabundos e subversivos”, há todo um aparato policial pronto a agir em qualquer lugar, hora ou circunstância, como acontecia antes da “abolição da escravidão”, quando os quilombos eram perseguidos e destruídos e depois da “abolição”, quando iniciaram uma perseguição aos clubes recreativos dos negros, às escolas de samba (hoje não perseguem tanto porque elas rendem milhões de cruzeiros para os brancos manipuladores da diversão pública), aos terreiros de umbanda e candomblé, nas ruas e bares onde os negros se aglomeravam.

E as Igrejas? Como se têm colocado diante do problema do negro?

A grande maioria delas está simplesmente ausente. Não tomam nenhum conhecimento do drama que o negro enfrenta diariamente. Lamentavelmente elas se tornam reforço ponderável da ideologia dominante. O conservadorismo da maioria das Igrejas Protestantes brasileiras tem concorrido para a manutenção do status quo e o que é pior, para aprofundar os preconceitos de que o negro é vítima. Os seus hinos racistas são um exemplo disso: expressões como “alvo mais que a neve”, ou “negro como o pecado”, “o meu coração era preto...” nada concorrem para ajudar o negro na sua luta, ao contrário...

Há esperanças, contudo. Nem todas as Igrejas têm-se calado. A Igreja Metodista acaba de criar a PASTORAL DO NEGRO. A Igreja Católica acaba de criar o GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA. Temas relacionados com os negros têm sido alvo de diálogo nas igrejas locais e comunidades eclesiais de base. Tudo indica que teremos fortes aliados em nossa luta pela libertação apesar de toda a violência praticada contra nós.

O que é Teologia Cristã

Eu quero dirigir o tema: "Teologia Ecumênica num contexto intercultural" examinando uma questão: "O que é Teologia Cristã?".

Teologia é linguagem sobre Deus. Teologia *Cristã* é linguagem sobre a atividade libertadora de Deus em nome da liberdade dos oprimidos.

Qualquer fala sobre Deus que falhe na liberação de Deus para os oprimidos, sua premissa não é cristã. Pode ser filosófica e ter alguma relação com a Escritura, mas não é cristã. Pois a palavra "cristã" conecta a teologia inseparavelmente à vontade de Deus de libertar os cativos.

Eu penso que essa compreensão da Teologia e Cristianismo não é a visão central da tradição teológica ocidental e não é também o ponto de vista dominante da teologia euro-americana contemporânea. Entretanto, a verdade não deve ser definida pela maioria ou pelo interesse intelectual dominante dos academicistas da Universidade. O propósito desse ensaio é examinar os pressupostos teológicos que sublinham o clamor de que a teologia cristã é linguagem da libertação de Deus para as vítimas da opressão social e política.

1 Minha colocação de que a teologia cristã é linguagem sobre a atividade libertadora de Deus para os pobres é baseada no fato de assumir que a Escritura é a primeira fonte do discurso religioso. Usar a Escritura como premissa da teologia não quer dizer dispensar outras fontes, tais quais a filosofia, a tradição e o nosso contexto contemporâneo. Simplesmente significa que a Escritura definirá como essas fontes vão funcionar na teologia.

Essa teologia cristã deve começar pelo fato de que a Escritura parece auto-evidente. Sem esse testemunho básico o cristianismo não teria significado. Esse ponto parece tão óbvio para mim que seria quase impossível pensar de outra maneira. Entretanto, esse ponto precisa de esclarecimento. Há muitas perspectivas na Escritura. Há algumas que a vêem como infalível, e há outras que dizem que ela é apenas um importante corpo de literatura. Há aproximadamente tantas perspectivas na teologia quanto há teólogos. Na medida em que não posso valorar a validade da maioria dos pontos de vista, eu posso colocar o que eu acredito ser a mensagem central da Escritura.

Eu acredito que a minha perspectiva sobre a Escritura é derivada da própria Escritura. Desde que outros, com

diferentes perspectivas diriam a mesma coisa, eu posso apenas explicar a estrutura essencial da minha perspectiva hermenêutica. Parece claro para mim que qualquer outra coisa que nós possamos dizer sobre as Escrituras é que primeiramente elas são a história do povo israelita que acreditava que Javé estava envolvido na sua história. No Velho Testamento a história começa com o primeiro êxodo dos escravos hebreus do Egito e continua através do segundo êxodo da Babilônia. E com a reconstrução do templo. Para ser preciso, há muitas maneiras de se olhar esta história, mas a importância da mensagem bíblica é clara nesse ponto: a salvação de Deus é revelada na libertação dos escravos da servidão sócio-política. Verdadeiramente, o julgamento de Deus é infligido ao povo de Israel, quando eles humilham os pobres e os órfãos. "Vocês não deverão maltratar a nenhuma viúva ou criança sem pais. Se vocês assim o fizerem, estejam certos de que eu escutarei se eles a mim apelarem. Minha ira levantar-se-á e eu os matarei com a espada" (Êx 22. 23,24. Neb).

Claro que há outros temas no Velho Testamento e eles são importantes. Mas a sua importância é encontrada na iluminação do tema central da libertação divina. Falhar em ver esse ponto é entender mal o Velho Testamento e conseqüentemente distorcer a sua mensagem.

Minha colocação de que a Escritura é a história da libertação dos pobres por Deus também se aplica ao Novo Testamento, onde a história é levada para dimensões universais. O Novo Testamento não invalida o Velho. O significado de Jesus Cristo é encontrado na vontade de Deus de fazer da libertação, não uma simples propriedade de um só povo, mas de toda a humanidade. Deus tornou-se um pobre judeu em Israel e a partir daí identificou-se com os desamparados de Israel. A cruz de Jesus não é mais do que a vontade de Deus de estar com os pobres e de ser como eles. A ressurreição significa que Deus alcançou a vitória sobre a opressão, sendo que os pobres não mais têm de ser determinados pela sua pobreza. Isto é verdade não somente para a "casa de Israel", mas para os destrojados da terra. A encarnação então é simplesmente Deus tomando para a sua divina pessoa o sofrimento e a humilhação humanas. A ressurreição é a divina vitória sobre o sofrimento, o dom da liberdade para todos os fracos e oprimidos. Isto e nada mais é a mensagem central da história bíblica.

Se a teologia é derivada da história divina, então deve ser linguagem sobre libertação. Qualquer outra coisa seria uma distorção ideológica da mensagem do Evangelho.

Aqui, então, está o meu primeiro ponto sobre o contexto ecumênico da teologia. A Escritura deve ser a premissa primária para discussão e diálogo. Sejam quais forem as diferenças entre os povos, há um ponto em comum para todos os cristãos o qual é encontrado no clamor absoluto de que o Deus bíblico está com eles. Ser cristão é acreditar que o Deus da Escritura é o Deus de toda humanidade.

2 Porque a teologia cristã começa e termina com a história bíblica da libertação de Deus para os fracos, ela é também linguagem cristológica. Neste ponto Karl Barth estava certo. Lamentavelmente Barth não explicou esse ponto cristológico com a devida clareza, porque sua teologia estava demasiadamente determinada pela tradição teológica de Agostinho e Calvino e muito pouco pela Escritura. Enquanto a premissa teológica de Barth o capacitava para chegar mais perto da mensagem bíblica do que os seus contemporâneos, o seu entendimento de teologia não era derivado da visão bíblica de Jesus o libertador dos oprimidos. Porque Jesus o libertador não é o centro da cristologia de Barth, sua visão da teologia é também defeituosa neste ponto. Porque a teologia começa com a Escritura, ela precisa começar também com Cristo. A teologia cristã é linguagem sobre o Cristo crucificado e levantado, que garante liberdade para todos os que são falsamente condenados numa sociedade opressiva. Que outra coisa pode a crucificação significar, exceto que Deus, o Santo de Israel, se tornasse identificado com as vítimas da opressão? Que outra coisa pode a ressurreição significar a não ser que a vitória de Deus em Cristo é a vitória das pessoas pobres sobre a pobreza? Se a teologia não tomar isso seriamente, como pode o nome de cristão ter algum valor? Se a Igreja, a comunidade da qual surge a teologia, não faz da libertação de Deus para os oprimidos, o centro de sua missão e proclamação, como pode ela descansar em paz tendo um criminoso condenado como o símbolo dominante da sua mensagem?

Para a teologia ecumênica dentro de um contexto intercultural, nós poderíamos dizer que todas as teologias cristãs não somente começam com a Escritura, elas também começam com o testemunho bíblico de Cristo. Ao invés de nos separar, Cristo nos traz juntos desde diferentes contextos culturais e, a partir daí, nos apresenta a todos com a identidade da liberdade que é afirmada ou negada de acordo com o nosso compromisso com a libertação de todos.

3 Porque a teologia cristã é mais do que o recontar da história bíblica, ela também tem de fazer mais do que a exegese da Escritura. O significado da Escritura não é auto-evidente em toda situação. Por isso mesmo, é função da teologia relacionar a mensagem da Bíblia a cada situação. Não é uma tarefa fácil na medida em que as situações são diferentes e a Palavra de Deus para a humanidade não é sempre auto-evidente.

Porque a teologia deve relacionar a mensagem com a situação do envolvimento da Igreja no mundo, a Teologia deve usar outras fontes em adição à Escritura. Nesse ponto, Bultmann e Tillich são mais apropriados que Barth, embora, eles deturpassem a função da cultura na teologia. Distintamente de Barth, meu desacordo com Bultmann e Tillich não está em se a teologia deveria usar a cultura (filosofia, sociologia e psicologia) na interpretação do Evangelho.

Que a nossa linguagem sobre Deus está inseparavelmente ligada à nossa própria historicidade parece tão óbvio que negá-la é tornar-se escravizado pela nossa própria ideologia.

Não obstante Karl Barth afirmar que a premissa da teologia natural está morta, pelo menos, na medida em que nossa linguagem não é simplesmente sobre Deus, e tão-somente isso, bem que podíamos desejar que falasse de outra forma. Isso quer dizer que a teologia não pode evitar a filosofia e outras perspectivas no mundo. A premissa, então, não é se nós podemos ou devemos evitar falar da cultura humana no ato de fazer teologia. A questão é mais se a revelação divina na escritura nos garante a possibilidade de dizermos alguma coisa sobre Deus que não seja simplesmente sobre nós mesmos. A menos que essa possibilidade seja dada, mesmo que pouco seja, então parece não haver nenhuma razão para falarmos na distinção entre teologia branca e teologia negra ou a diferença entre falsidade e verdade.

Eu creio que enfocando a Escritura, é garantida a liberdade à teologia de tomar seriamente a situação social e política sem ela ser determinada por isso. Conseqüentemente, a questão não é se nós tomamos a sério nossa existência social mas, *como* e de *que maneira* nós tomamos isso seriamente. Que situação social representa a nossa teologia? De quem nós falamos? A importância da Escritura na nossa teologia está em que ela pode ajudarnos a responder àquela questão de como representar o interesse público daqueles a respeito dos quais o cristianismo fala. Através do uso da Escritura, nós somos forçados por ela própria a focar a nossa existência social, mas não meramente em termos de nossos próprios interesses, embora estes estejam sempre envolvidos. A Escritura pode libertar a teologia para ser cristã na situação contemporânea. Ela pode tirar os teólogos das suas ideologias sociais e capacitá-los a escutar a palavra que não seja outra senão a sua própria consciência.

Essa "outra" em teologia é distinta mas nunca separada da nossa existência social. Deus tornou-se humano em Cristo de maneira que nós somos livres para falar sobre Deus em termos de humanidade. Verdadeiramente qualquer outra fala não é sobre o Senhor crucificado e levantado. A presença do Senhor crucificado e levantado como testemunhada nas Escrituras determina quais interesses sociais nós devemos representar e a nossa proposta é a de sermos fiéis a Ele.

No intento de fazer teologia à luz do testemunho da Escritura em relação ao Cristo crucificado e levantado co-

mo ele é encontrado dentro da nossa situação contemporânea, eu tenho falado de teologia cristã como teologia negra. Logicamente há outras maneiras de falar de Deus que também são cristãs. Eu nunca neguei isso, e não desejo negar hoje. A teologia cristã pode ser escrita a partir das perspectivas dos povos vermelho, marrom e amarelo. Ela também pode ser escrita à luz da experiência feminina no Japão. Eu fiquei impressionado pela maneira como os cristãos coreanos estão escutando a palavra da divina libertação dentro de uma cultura japonesa opressora. A teologia cristã também pode ser escrita a partir de uma perspectiva de classe como tem sido profundamente colocada nos escritos dos teólogos da libertação latino-americanos. É também possível combinar as premissas de classe, sexo e cor como foi recentemente mostrada no trabalho de Letty Russel: "Libertação humana numa perspectiva feminista". As possibilidades são muitas e variadas. Não há uma teologia cristã, mas muitas teologias cristãs que são expressões válidas do Evangelho de Jesus.

Mas o que não é possível é fazer teologia cristã separada do clamor bíblico de que Deus veio em Cristo para colocar os cativos em liberdade. Não é possível fazer teologia cristã como se os pobres não existissem. Verdadeiramente não pode haver nenhum discurso cristão sobre Deus que não represente o interesse das vítimas da nossa sociedade. Se nós apenas fizéssemos com que esse ponto fosse incorporação da nossa identidade cristã, então nós teríamos percorrido um longo caminho desde os dias de Constantino.

Uma teologia ecumênica num contexto intercultural não simplesmente começa com a Bíblia e Cristo, mas da maneira como o Cristo bíblico é encontrado entre os pobres e fracos de todas as culturas. Quando a teologia começa com o testemunho bíblico em Cristo, ela é forçada pelo próprio Cristo a localizar a identidade da teologia cristã no contexto cultural das vítimas. Isso nos leva ao próximo ponto.

4 Porque a teologia cristã é linguagem de Deus para a libertação dos fracos como assim é definido pela Escritura em relação a nossa situação contemporânea, a teologia cristã é inseparavelmente conectada com a comunidade oprimida. Se Deus é o Deus dos pobres, aquele que os está libertando da escravidão, como podemos falar constantemente sobre este Deus, de outra forma, a não ser que nossa linguagem seja levantada a partir da comunidade onde Deus é encontrado? Se a teologia cristã é a linguagem sobre o crucificado e levantado, aquele que elegeu a todos para a liberdade, que outra linguagem pode ser ela, a não ser a linguagem daqueles que estão lutando pela liberdade?

Minha limitação de teologia cristã para a comunidade oprimida não significa que tudo que os oprimidos falam sobre Deus seja porque eles sejam fracos e desamparados. Fazer isso seria igualar a palavra dos oprimidos à palavra de Deus. Não há nada na Escritura que garanta

essa possibilidade. Quando os oprimidos estão inclinados a usar sua posição como um privilégio, como uma imunidade para o erro, eles fazem bem em lembrar que o testemunho da justiça divina na Escritura não tem nada a ver com alguma coisa que seja humana. Nesse ponto Karl Barth estava certo. Há uma infinita distinção qualitativa entre Deus e Humanidade. Quando eu limito a teologia cristã à comunidade oprimida, minha intenção é a de dizer nada mais do que aquilo que acredito ser a mensagem central da Escritura. Deus escolheu mostrar a justiça divina através da libertação dos pobres. A partir daí estar fora dessa comunidade é estar num lugar onde se está excluído da possibilidade de escutar e obedecer à palavra de libertação de Deus. Através do fato de ter-se tornado pobre e ter confiado a revelação divina ao carpinteiro de Nazaré, Deus deixa claro o lugar onde se tem que estar para se escutar a palavra divina e experimentar a presença divina. Se Jesus houvesse nascido na corte do rei e tivesse sido o conselheiro do Imperador de Roma, o que eu estou dizendo não teria validade. Se Jesus não tivesse feito distinção entre rico e pobre, entre o fraco e o forte, então o Evangelho cristão não teria a palavra de libertação para os oprimidos. Se Jesus não tivesse sido crucificado como um criminoso de Roma e condenado como um blasfemador pelos líderes religiosos judeus, então o meu clamor sobre teologia cristã e sobre os oprimidos não teria sentido. É apenas porque a Escritura é tão decisivamente clara a respeito desse ponto que eu insisto em que a teologia não pode separar-se da história cultural dos oprimidos, se ela pretende ser fiel àquele que faz a linguagem cristã possível.

O que então temos a dizer sobre essas outras também chamadas teologias cristãs? Na medida em que elas falham em permanecer fiéis à mensagem central do Evangelho, elas são heréticas. Em dizendo isso, eu não pretendo sugerir que possuo a verdade total e nada além da verdade. De fato eu é que poderia ser o herético. Além do mais, eu não acredito que o propósito de identificar a heresia esteja em capacitar a identificação dos bons e dos maus, ou diferenciar a verdade infalível do erro. Eu meramente pretendo dizer o que eu acredito ser fiel ao Evangelho de Jesus, assim como está testemunhado na Escritura, nada mais e nada menos. Se não dissermos em que acreditamos, em amor, e fé, e esperança, se não estivermos falando e praticando a verdade, então para que falarmos? Se não há diferença entre verdade e erro, Evangelho e heresia, então não há meios para se dizer o que a teologia cristã é. Nós temos que ser capazes de dizer quando a linguagem não é cristã, se não sempre, pelo menos às vezes.

Eu devo dizer que a teologia americana branca é heresia não pelo fato de querer queimar ninguém no cadafalso. A identificação da heresia não é para o propósito de tomar medidas drásticas sobre quem deve viver ou morrer, ou quem será salvo ou condenado. Saber o que heresia é, é saber o que parece ser verdadeiro, mas que na verdade é falso. A partir disso é pela própria causa da verdade do Evangelho que nós devemos colocar o que não é verdade.

Dizer o que a verdade é está intimamente ligado com o praticar a verdade. Saber a verdade é praticar a verdade. Falar e fazer estão juntos, daí o que dissermos pode apenas ser autenticado por aquilo que fizemos. Lamentavelmente, a Igreja ocidental não tem sido sempre clara a esse respeito. Seu erro tem constantemente sido a identificação da heresia mais em relação à palavra do que em relação à ação. Ao falhar na explicação da conexão entre a palavra e a ação, a Igreja tendeu a identificar o Evangelho com o discurso da direita e conseqüentemente tornou-se chefe dos heréticos. A Igreja tornou-se tão preocupada com a sua própria palavra falada sobre Deus que falhou em escutar e conseqüentemente em viver de acordo com a palavra de Deus para a liberdade dos pobres. De Agostinho a Schleiermacher, é difícil encontrar um teólogo na Igreja ocidental que defina o Evangelho em termos de libertação de Deus para os oprimidos.

O mesmo é verdade em muitos dos discursos contemporâneos sobre Deus. Isso pode ser visto na separação da teologia da ética e na falta de libertação em ambos. O erro base da teologia contemporânea não é simplesmente encontrado no que ela diz a respeito de Deus, embora isso também não esteja excluído. Ele é encontrado na sua separação entre teoria e praxis, e na falta do ponto de vista libertador na sua análise do Evangelho.

5 A limitação da teologia cristã em relação à comunidade oprimida não apenas nos ajuda a identificar a heresia, mas também nos ajuda a reexaminar as fontes do discurso teológico. A linguagem da libertação deve refletir as experiências do povo sobre quem nós queremos falar. Dizer que determinado discurso é teologia da libertação não significa que ela represente os oprimidos.

Há muitas teologias da libertação e nem todas representam os fracos e desfavorecidos. A diferença entre teologia da libertação em geral e teologia da libertação dentro de uma perspectiva cristã é encontrada na linguagem sobre liberdade se é derivada da participação na luta dos oprimidos. Se a linguagem sobre liberdade é derivada do envolvimento na luta dos oprimidos pela liberdade, então ela é definitivamente uma linguagem cristã. Ela é uma linguagem que é computada ao Deus encontrado na comunidade oprimida, e não a algum Deus abstrato dentro de um livro teórico. Dizer que determinada teologia representa os pobres significa que a representação reflete as palavras e os atos dos pobres. O teólogo começa a falar como os pobres, a orar como os pobres e a pregar com os pobres em mente. Ao invés de fazer de Barth, Tillich e Pannhuber a fonte exclusiva para se fazer teologia, o verdadeiro teólogo da libertação é compelido a escutar os choros e as lamentações do povo que canta “eu queria saber como é ser livre, eu desejaria quebrar todas as correntes que me prendem”.

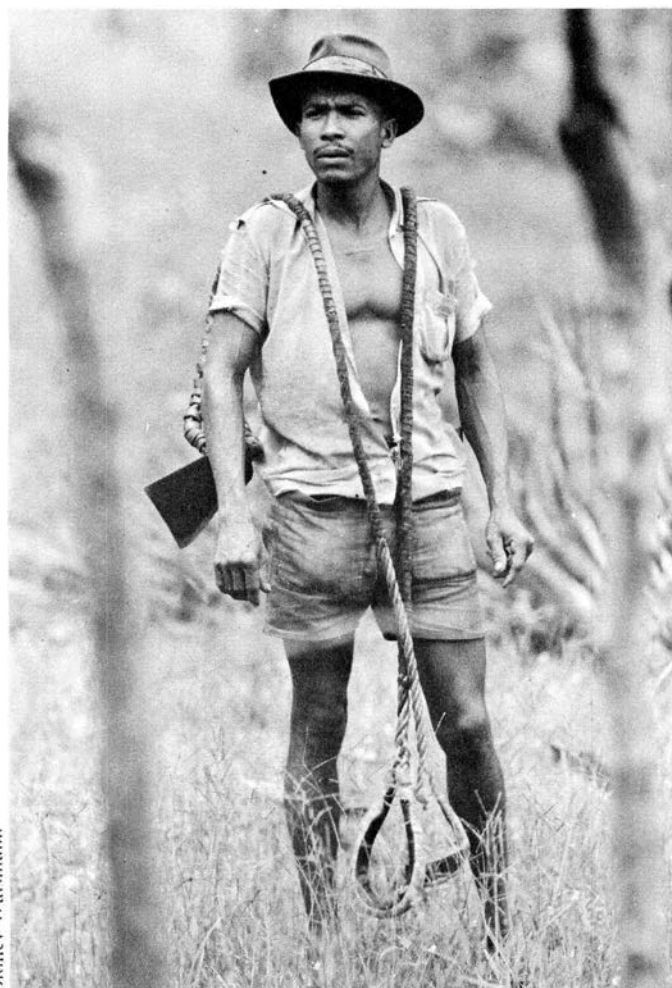
O que seria a teologia se nós levássemos a sério a colocação de que teologia cristã é o discurso dos pobres, sobre suas esperanças e sonhos de que um dia “os problemas não mais existirão?” Uma coisa é certa: ela não parece-



Sidney Waismann

ria com a maioria dos papéis apresentados nas sociedades bíblica e teológica. Nem se pareceria com “teologia processo”, “teologia liberal”, “teologia da morte de Deus”. E uma porção de outros adjetivos usados pelos universitários para descrever seus esforços intelectuais.

Meu próprio trabalho construtivo em teologia tem focalizado o contexto cultural da comunidade negra na América do Norte. Eu tinha que começar meus esforços teológicos aqui, porque nasci na comunidade negra. Eu tinha que perguntar: o que tem a ver o Evangelho de Jesus com os negros fracos e desfavorecidos que estão lutando contra o racismo branco? Quando eu coloquei essa questão, eu cheguei à conclusão de que a teologia derivava das lamentações e dos gritos dos negros oprimidos que mostram um consenso bem diferente dos problemas do que aqueles apresentados nos livros de teologia teórica dos brancos. Ao invés de perguntar se a Bíblia é infalível, o povo negro quer saber se ela é real, isto é, se o Deus cujo testemunho ela sustenta está presente na sua luta. A teologia negra procura investigar o sentido que tem a confiança do povo negro na proposta bíblica de que Jesus é o caminho, a verdade e a vida. A teologia negra é a consciência do povo analisando o significado de sua fé quando eles têm de viver numa situação extrema de sofrimento.



Sidney Waismann

mento. Como pode a teologia negra permanecer fiel ao povo e ao Deus revelado na sua luta, se ela não respeita a conceituação do povo de que “Deus fará o caminho de nenhum caminho”. Ele realmente acredita que:

*Quando você está atribulado,
Sobrecarregado de carências,
E não sabe o que fazer,
Não tema em chamar pelo nome dele
e ele acertará as coisas para você.*

A teologia derivada da experiência negra deve refletir o ritmo e o espírito, a paixão e o êxtase, a alegria e a tristeza de um povo na sua luta para libertar-se das garras da opressão. Essa teologia deve ser negra porque o povo é negro. Ela deve lidar com a libertação porque o povo é oprimido. Ela deve ser bíblica porque o povo clama pelo Deus do Êxodo e dos Profetas, de Jesus e do Apóstolo Paulo que está envolvido na sua história, libertando-os da servidão. A teologia derivada das fontes negras teria de focalizar em Jesus Cristo como o começo e o fim da fé, porque essa afirmação é o sumário do testemunho negro que “Jesus me pegou, me transformou, e colocou meus pés em chão sólido”. Ele é às vezes chamado de “O

disco no meio do disco”, de “A rosa de Sharon” e de “O Senhor da vida”. O povo negro proclama que ele curou os enfermos, deu vista aos cegos e capacitou os inválidos para andar. “Jesus”, eles dizem, “faz de tudo”.

6 A presença de Jesus como ponto de partida da teologia negra não significa que ela passe por cima da experiência de sofrimento na vida negra. Toda a teologia que leva a sério a libertação deve também levar a sério a presença contínua de sofrimento na vida negra. Como podemos clamar que “Deus vai acertar as coisas” para os pobres quando os pobres ainda vivem em pobreza?

Os “blues”, folclores e outras expressões seculares são a constante memória de que uma visão simplista da libertação divina não é nunca adequada para o povo na sua luta contra a opressão. A religião negra nunca foi silenciosa em relação ao tema do sofrimento. Verdadeiramente a fé negra surgiu da experiência de sofrimento do povo negro. Sem o quebrantamento na existência negra, sem sua dor e sua tristeza, não haveria nenhuma razão para a existência da fé negra:

*Ninguém sabe das tribulações que eu vi
Ninguém sabe da minha tristeza
Ninguém sabe das tribulações que eu vi
Glória, Aleluia!*

O “Glória e Aleluia” no final desse cântico não foi uma negação da tribulação mas a afirmação de fé que a tribulação não tem a última palavra para a experiência negra. Isso significa que o mal e o sofrimento enquanto ainda inquestionavelmente presentes, não podem contar decisivamente contra a fé do povo em que Jesus está também presente com eles, lutando contra as tribulações. Sua divina presença conta mais do que a dor que o povo experimenta na sua história. Jesus é para o povo “a balada na terra dos exaustos” e o seu “abrigo em tempos de tempestade”. Não importa quão difíceis as penas da vida possam se tornar, elas não podem destruir a confiança do povo em que a vitória sobre o sofrimento já foi ganha na ressurreição de Jesus. Daí o povo canta:

*Algumas vezes abaixo a cabeça e choro
Mas Jesus enxugará meus olhos que choram.*

Logicamente não há evidência de que o clamor da fé do povo negro seja “objetivamente” ou “cientificamente” verdadeira. Consequentemente quando William Jones, um crítico negro da teologia cristã, pergunta se a libertação é o evento decisivo na história negra, ele está pondo a questão de um ponto de vista que é exterior à fé negra (1). Porque a fé negra afirma que Jesus é a única evidência que alguém precisa ter a fim de estar seguro de que Deus não abandonou os pequeninos na servidão. Para os que estão fora dessa fé, tal clamor é um escândalo, ele é

(1) Veja William Jones. “É Deus um racista branco?” (Nova York, Doubleday, 1973). Para uma crítica mais completa de Jones, veja o meu “Deus dos oprimidos” (Nova York, Seabury Press, 1975 — Cap. VIII).

uma idiotice para aqueles cuja sabedoria é derivada da história intelectual européia. “Mas para aqueles que são chamados... Cristo (é) o poder de Deus, e a sabedoria de Deus (1 Co 1.24). Na religião negra, Cristo é o alfa e o ômega, aquele que veio para fazer dos primeiros os últimos e dos últimos os primeiros. O conhecimento dessa verdade não é encontrado na filosofia, sociologia ou psicologia. Ela é encontrada na presença imediata de Jesus com o povo, “restaurando-os onde se acham destruídos e levantando-os em cada queda”. A evidência de que Jesus os está libertando da servidão é encontrada no seu caminhar e falar com Ele, contando a Ele as suas tribulações. Ela é encontrada na força e na coragem que Ele coloca no povo quando eles lutam para humanizar o seu desenvolvimento.

Essas respostas podem não satisfazer o problema (da) teodicéia como foi definido por Sartre e Camus. Mas as colocações da fé negra nunca pretenderam ser respostas para os problemas intelectuais nascidos de uma experiência cultural diferente. Elas são reflexões negras sobre a vida e pretendem ser testemunhos para os oprimidos, para que eles não desanimem no desespero. Elas não são argumentos racionais. Consequentemente a verdade desses clamores não é encontrada no fato da perspectiva da fé negra ser uma resposta para o problema da teodicéia colocado na “praga” de Camus ou no “ser e o nada” de Sartre. A verdade do clamor da fé negra é encontrada no fato do povo receber aquela força extra para lutar até que a liberdade venha. Sua verdade é encontrada no fato de que sendo o povo vítima da filosofia e da teologia branca sejam levados a lutar para fazer existir a liberdade da qual eles falam. O mesmo é verdade em relação à teologia e à filosofia negras que procuram falar em nome do povo. Se William Jones está certo ou se minha análise está correta, não deveria ser decidido através de um critério teórico decorrente da filosofia e da teologia ocidentais. Teoria pura é para aqueles que têm tempo disponível para o prazer da reflexão, mas não para aqueles que são as vítimas da terra. A verdade, portanto, da nossa análise teológica deve ser decidida pela função histórica das nossas colocações para a comunidade a qual nós afirmamos representar. Qual a análise que leva a praxis histórica contra a opressão? Eu argumentaria que o humanismo negro, assim como foi articulado por William Jones, não leva o povo a lutar contra a opressão, mas ao contrário, leva-os a desistir no desespero, no sentimento de que pouco eu posso fazer contra o poder branco. Mas minha análise da fé negra, com Jesus como “o capitão do velho navio de Sion” pode levar o povo a acreditar que a sua luta não é em vão. Foi por isso que Martin Luther King Jr. pôde mover o povo para lutar por justiça. Ele tinha o sonho de que estava ligado a Jesus. Sem Jesus, o povo teria permanecido passivo e satisfeito com a humilhação e o sofrimento. Quando eu me volto para a análise filosófica ocidental da metafísica e da ontologia, eu não sei se King estava certo, isto se o direito é definido pelo racionalismo americano branco. Mas no contexto da fé da religião negra, King estava certo, porque o povo foi levado a atuar de acordo com a fé que eles professavam. Se a teologia negra existe para ser a teologia da e para a

fé negra, ela não vai se importar muito com as contradições lógicas das suas colocações quando elas são comparadas com a filosofia branca ocidental. Apesar do humanismo de William Jones, alguns de nós negros ainda acreditamos que:

*Sem Deus eu não poderia fazer nada,
Sem Deus minha vida falharia
Sem Deus minha vida seria dura
Assim como um navio sem navegar.*

Note a falta de ceticismo filosófico no próximo verso:

*Sem uma dúvida, ele é meu Salvador
Sim minha força ao longe do meu caminho
Sim em águas profundas, ele é minha âncora
E através da fé ele me protegera durante todo o meu caminho.*

É justamente porque o povo negro se sente seguro “em encostar-se e depender de Jesus” que eles freqüentemente levantam suas vozes em louvor e adoração, cantando: “Obrigado Jesus, eu lhe agradeço Senhor, porque você me trouxe um longo caminho poderoso. Você tem sido meu médico, tem sido meu advogado e tem sido meu amigo. Você tem sido o meu tudo”. O povo de maneira total crê que com a presença de Jesus eles não podem perder. A vitória sobre a opressão e o sofrimento é certa. Se não agora, então nos “bons tempos” de Deus”, “um dia tudo passará”. Nós vamos “atravessar o Jordão” e “sentar-nos-emos com o Pai e conversaremos com o Filho” e “contaremos a eles sobre o mundo do qual viemos”. Daí, que a luta do povo negro pela liberdade não é em vão. Isso é o que o povo negro quer dizer quando eles cantam: “Estou tão feliz porque as tribulações não permanecem sempre”. Porque a tribulação não tem a última palavra, nós podemos lutar agora para realizar em nosso presente aquilo que sabemos estar vindo no futuro de Deus.

Quando o povo oprimido tomar consciência de que eles se tornaram pobres pelos opressores, então eles podem lutar contra tais condições, sabendo que Deus está lutando com eles. E é esse grito de liberdade, fundamentado em Cristo, que estabelece nossa identidade como cristãos e nos capacita a nos comunicarmos entre nós mesmo que seja entrecortando diferentes linhas culturais.

O Dr. James Cone é teólogo da Igreja Metodista Primitiva (Igreja negra) e professor de Teologia Sistemática no Union Theological Seminary de Nova York além de membro da Ass. Teol. do 3º Mundo. Autor de vários livros (entre os quais *Black Theology and Black Power*, *The God of the Oppressed*). É hoje um dos teólogos exponências da chamada Teologia Negra nos Estados Unidos, país onde o movimento de defesa e emancipação da raça negra consolidou-se como força social importante nos últimos 30 anos. Sua visão do Evangelho e da tarefa da Teologia parte de sua situação concreta de membro da comunidade negra norte-americana, vítima secular do racismo branco, presente e atuante nessa sociedade.

Tradução
Paulo Cezar Veira da Costa

ORAÇÃO A MARIAMA

D. Hélder Câmara

*Mariama, Nossa Senhora,
Mãe de Cristo e Mãe dos Homens!
Mariama, Mãe dos Homens de todas as raças,
de Todas as Cores, de todos os cantos da Terra.
Pede ao teu Filho que esta festa não termine aqui,
a marcha final vai ser linda de viver.
Mas é importante, Mariama, que a Igreja de teu Filho
não fique em palavra, não fique em aplauso.
O importante é que a CNBB, a Conferência dos Bispos,
embarque de cheio na causa dos negros,
como entrou de cheio na Pastoral da Terra e na Pastoral dos Índios.
Não basta pedir perdão pelos erros de ontem.
É preciso acertar o passo hoje sem ligar ao que disserem.
Claro que dirão, Mariama, que é política, subversão, que é comunismo.
É, Evangelho de Cristo, Mariama.
Mariama, Mãe querida, problema de negro,
acaba se ligando com todos os grandes problemas humanos.
Com todos os absurdos contra a humanidade,
com todas as injustiças e opressões.
Mariama, que se acabe, mas se acabe mesmo a maldita fabricação de armas.
O mundo precisa fabricar é Paz.
Basta de injustiça, de uns sem saber o que fazer com tanta terra
e milhões sem um palmo de terra onde morar.
Basta de uns tendo de vomitar pra poder comer mais
e cinquenta milhões morrendo de fome num ano só.
Basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo
e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia.
Mariama, Nossa Senhora, Mãe querida,
nem precisa ir tão longe como no teu hino.
Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias
e os pobres de mãos cheias.
Nem pobre nem rico.
Nada de escravo de hoje ser senhor de escravos amanhã.
Basta de escravos.
Um mundo sem senhor e sem escravos.
Um mundo de irmãos.
De irmãos não só de nome e de mentira.
De irmãos de verdade, MARIAMA.*



A QUEM NOS LÊ.

É lugar comum falarmos de crises, uma constante de todos no Brasil de hoje. Também estamos sendo atingidos.

A periodicidade do *Presença* não pôde ser mantida da maneira como desejávamos. Entretanto não queremos deixar quem nos lê em falta.

Remeteremos sempre, nos próximos meses, alguma publicação nossa, até completarmos, pelo menos, doze remessas neste ano. Enviaremos, ora *Presença*, ora *Cadernos*, ora *Aconteceu Especial*, porém não vamos deixar os que nos apóiam sem algo de nossas publicações.

Um novo e mais amplo projeto para nossas publicações está em andamento e teremos a alegria de brevemente informarmos.

O apoio e compreensão de quantos nos lêem, se mantido, apesar das falhas, hão de permitir-nos superar a crise.

Agradecidos por toda atenção.

CEDI

Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rio de Janeiro, maio de 1982